

gatos

DC7
COMUNICA

Ano 42
nº 325
Set/2026



MEDICINA VETERINÁRIA

gatos.com.br

FELINOS
NUTRIÇÃO DE
GATOS COM
DIABETES
MELLITUS

DO PASSADO AO PRESENTE

DIA DO MÉDICO-VETERINÁRIO NOS CONVIDA A FAZER UMA
REFLEXÃO SOBRE AS MUDANÇAS VIVENCIADAS PELA
PROFISSÃO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

ENTREVISTA
SETEMBRO
VERMELHO:
KALEIZU T. ROSA
FALA SOBRE AS
CARDIOMIOPATIAS
EM CÃES E
GATOS

ZOOM
SAÚDE MENTAL
DE MÉDICOS-
-VETERINÁRIOS

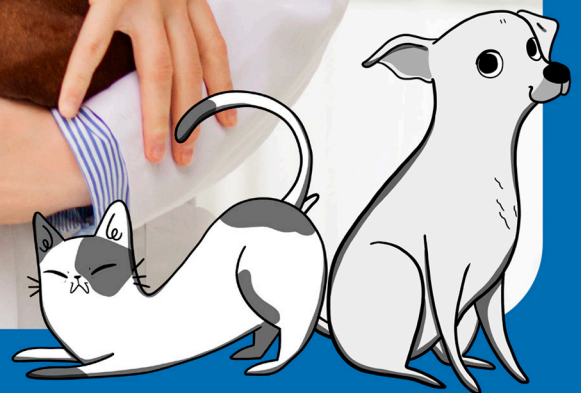
QUEM CUIDA,
FAZ PARTE DA HISTÓRIA.

Elanco

Por trás de cada diagnóstico,
existe um olhar atento.
Por trás de cada tratamento, existe
conhecimento, dedicação e carinho.
**E em cada recomeço, existe
um médico-veterinário.**

Hoje, a **Elanco** celebra quem escolheu
cuidar de quem não consegue dizer onde
dói, mas sabe demonstrar quando está bem.
Porque, para nós, **cuidar da saúde animal é
também cuidar dos momentos que tornam
a vida mais especial.**

Feliz Dia do Médico-Veterinário.



Credel[®] Seresto Zenrelia[®] ELURA[™] Varenzin[®] NEPTRA[®]
MILBEMAX[®] CAPSTAR[®] Bexacat[®] Dronal[®] PANOLOG[®] Advocate[®]
Advantage[®] Max3 Galliprant[®] (galliprant) onsi[®] (robenacoxibe) FORTEKOR[®] Suroolve[®] Baytril[®]



Acesse:

ElancoVets
.com.br

Elanco e o logotipo de barras diagonais são marcas registradas da Elanco ou de suas filiais. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0880.



cães
& gatos

FUNDADOR

Osvaldo Penha Ciasulli (MtB: 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

**DIRETORA
DE NEGÓCIOS**

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

**GERENTE DE
COMUNICAÇÃO**

Danielle Assis (MtB: 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Stéfani Campos Chagas (MtB: 93.684)
stefani@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB: 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

**MARKETING / EVENTOS
SOCIAL MEDIA**

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

**COLABORADORES
DESTA EDIÇÃO**

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio,
CRMV-SP, Erika Pereira, Evelynne
Hildegard Marques de Melo, Franciele
Pavei, Gustavo Quirino, José Luiz Tejon,
Monique Paludetti, Raquel Naomi
Tanaka Scaduto, Thais Ximenes, Thiago
Mattos da Silva e Thomas Timm

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal



PARABÉNS AOS MÉDICOS- -VETERINÁRIOS!

Omês de setembro chega com uma comemoração especial: o Dia do Médico-Veterinário. A data, que celebra a atuação desses profissionais tão relevantes para a saúde de todos, também nos convida a uma reflexão sobre as mudanças pelas quais a profissão passou nos últimos anos.

Mais do que a chegada de novas tecnologias, como a inteligência artificial, a Medicina Veterinária foi impactada diretamente pelo lançamento de novos medicamentos, melhorias em equipamentos e até pela intensificação do vínculo entre seres humanos e animais.

Da década de 1970 para cá, os médicos-veterinários não apenas passaram a ter acesso a mais recursos, como também precisaram mudar a forma como conduzem os casos clínicos e atendem seus pacientes. Para falar sobre todos os avanços e desafios da prática clínica atual, convidamos grandes nomes da Medicina Veterinária, como Mitika Kuribayashi Hagiwara, Márcia Marques Jericó, Rita Carmona, Viviani De Marco e Rodrigo Rabelo.

Outro tema central desta edição foi a saúde mental de médicos-veterinários, um assunto que não deve deixar de ser discutido em todos os meses do ano e reforça a importância de cuidar de quem cuida do outro diariamente.

Nesta edição especial, você também irá conferir matérias sobre atuação ética, fidelização de clientes, nutrição de felinos com diabetes mellitus e pancreatite em cães e gatos.

Além disso, como setembro marca a chegada da primavera, uma estação especialmente desafiadora para a saúde da pele dos pequenos animais, preparamos um conteúdo dedicado a esse tema para te ajudar a cuidar dos seus pacientes no período.

Boa leitura!

Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e
Editorial



» NO MIOLO

| PETBUSINESS

08 • DIA DO CLIENTE

Melhores estratégias para a fidelização de clientes

| ZOOM

18 • SAÚDE MENTAL

A importância de cuidar de quem cuida

30 • ÉTICA PROFISSIONAL

Do amor aos animais ao compromisso com regras profissionais

| VETERIANÊS

22 • DO PASSADO AO PRESENTE

Dia do Médico-Veterinário nos convida a fazer uma reflexão sobre as mudanças vivenciadas pela profissão nas últimas décadas

36 • PRIMAVERA

Gatinhos à flor da pele

48 • FELINOS

Manejo nutricional de gatos diabéticos

56 • ESPECIALIDADES

Como manejar a pancreatite em cães e gatos

| RADAR PET

29 • BOEHRINGER INGELHEIM

Febre maculosa:

Cão protegido, família protegida

46 • NESTLÉ PURINA

Purina Pro Plan amplia portfólio e aposta em nutrição personalizada

58 • IMEVE PET

Nova geração de bióticos

| SEÇÕES

» Editorial **3**

» On-line **6**

» Boletim Paulista **12**

» Mercado **34**

» ABBEA **44**

» Marketing **59**

» Guia Jurídico **62**

» Tejon **64**

| OUTROS AUTORES

38 • AVERT

O que a nutrição tem a ver com a renovação da pelagem?

40 • CANETAS EMAGRECEDORAS

Realidade na rotina veterinária?

42 • ALÉM DA NUTRIÇÃO

Como os alimentos úmidos coadjuvantes podem contribuir para o tratamento de cães e gatos

60 • PET SILVESTRE

Desafios da Odontologia em coelhos domésticos

| PETFOOD

50 • TETRA PAK

Tecnologia da Tetra Pak alia nutrição e bem-estar à alimentação dos pets

52 • INOVAÇÃO NA NUTRIÇÃO PET

O potencial do HPDDG na alimentação de cães

| COBERTURA

54 • HORMONALLE

Nohra Clinic conecta pesquisa, dados e discussão especializada à rotina da Endocrinologia Veterinária

| PONTO FINAL

66 • NEGÓCIOS

Mercado nacional de pet food mantém protagonismo

ENTREVISTA
SETEMBRO VERMELHO
KALEIZU T. ROSA
Fala sobre as cardiomiopatias em cães e gatos

14



Cardisure

Pimobendan

Tratamento da insuficiência
cardíaca congestiva canina



SmartTab

Tecnologia para
facilitar a divisão
de comprimidos.

Palatável
sabor carne



Flexibilidade
na dosagem



Dechra

AGOSTO EM ALTA: INFORMAÇÃO, CONEXÃO E PROTAGONISMO PARA O UNIVERSO PET

AGOSTO foi marcado por pautas que aproximaram saúde, comportamento, bem-estar e mercado pet. O mês também ganhou destaque pela presença em importantes eventos e pela cobertura especial de uma das principais datas do calendário pet.

Entre as campanhas e datas comemorativas estiveram conteúdos relacionados ao “Mês do Cachorro Louco”, com foco na prevenção contra a raiva, além do Dia do Aleitamento Materno, Dia Internacional do Gato, Dia dos pais, Dia do Protetor de Animais e Dia Internacional do Animal Abandonado. Juntamente ganharam espaço assuntos como nutrição, bem-estar e alimentação dos pets.

O grande destaque, no entanto, foi o Dia Mundial do Cachorro. A data motivou uma série especial sobre curiosidades, histórias, adoção e bem-estar, ampliando a conversa sobre o envelhecimento

saudável e longevidade, com foco em mais cuidado e momentos ao lado desse grande companheiro de quatro patas.

Na agenda de eventos, o portal acompanhou o III Congresso Nacional da Veterinária Domiciliar, o Pet Vet Expo e a Pet South America 2026, com cobertura completa e participação de clientes.

Seguindo ainda uma programação de jantares importantes como o da Royal Canin, reunindo lideranças do ecossistema pet, Elanco, com lançamento do Bexacat, e Hormonalle, que apresentou a Nohra Clinic.

Mais do que acompanhar eventos e datas comemorativas, agosto reforçou a atuação da **Cães&Gatos** na cobertura dos principais movimentos do setor, conectando informação e novidades a profissionais e responsáveis.

Entre os conteúdos que mais engajaram os leitores em julho, destacam-se:

1 LONGEVIDADE NÃO É SÓ IDADE: ENTENDA O QUE DEFINE O ENVELHECIMENTO

SAUDÁVEL DE CÃES E GATOS
Garantir um envelhecimento saudável para cães e gatos exige olhar além dos anos acumulados no calendário e priorizar cuidados preventivos, boa nutrição e adaptações no ambiente que promovam qualidade de vida, autonomia e bem-estar físico e emocional na fase sênior.



2 OBSTRUÇÃO URETRAL FELINA: LORAZEPAM PODE AJUDAR A PREVENIR RECIDIVAS?

Estudo recente publicado no Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA) avalia o uso do lorazepam no relaxamento uretral e na prevenção de recidivas da obstrução em felinos, reforçando que o manejo da dor e a redução do estresse continuam essenciais para o tratamento da condição.



3 DIA MUNDIAL DO CACHORRO: COMO NASCEU O VÍNCULO ENTRE CÃES E HUMANOS

Celebrado no dia 26 de agosto, o Dia Mundial do Cachorro convida a refletir sobre a evolução da parceria milenar entre cães e humanos e destaca como a compreensão do comportamento e das necessidades naturais dos caninos é fundamental para garantir uma convivência equilibrada, harmoniosa e saudável em família.



Linha ProbioUp®

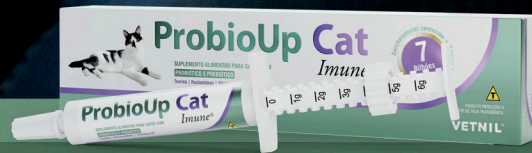
O Up que faltava na
saúde intestinal
dos pets!

O equilíbrio da microbiota intestinal é um dos pilares da saúde dos pets.

Quando o microbioma está em **equilíbrio**, o organismo responde e o bem-estar se traduz em mais **conforto, vitalidade e qualidade de vida**.

É a partir desse olhar que a Vetnil® apresenta a **Linha ProbioUp®**, sua **nova linha de suplementos simbióticos**, desenvolvida com base em estudos científicos com combinações de cepas e nutrientes específicos para cães e gatos, **contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal e ampliando as possibilidades de cuidado**.

Lançamento



saiba mais:

vetnil.com.br

VETNIL®

FIDE- LIZA- ÇÃO DE CLIE- N- TES

A ESTRATÉGIA PARA MANTER O FATURAMENTO DE CLÍNICAS E HOSPITAIS VETERINÁRIOS EM UM MERCADO CADA VEZ MAIS COMPETITIVO

► DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Hoje em dia, a excelência no atendimento deixou de ser um diferencial e, cada vez mais, é um requisito mínimo para manter uma clínica ou hospital veterinário funcionando.

Com o mercado cada vez mais desafiador e competitivo, as empresas do setor precisam investir em estratégias diferenciadas para garantir o faturamento. Uma delas é a fidelização de clientes.

Porém, por que atualmente fidelizar clientes se tornou tão importante quanto conquistar novos?

De acordo com René Monteiro Passos, médico-veterinário com MBA em Gestão de Serviços Clínicos e Hospitalares na Veterinária de Pequenos Animais e primeiro secretário e diretor social da Associação Nacional de Gestão Técnica em Medicina Veterinária (AB-GTVet), o motivo é simples: conquistar ficou caro e mais difícil. “O cliente de hoje pesquisa, compara, lê avaliação no Google, pede indicação em grupo de bairro e tem opção de sobra a menos de dois quilômetros de casa, incluindo redes de hospitais 24 horas, atendimento domiciliar e pet-shop com clínica dentro. Você paga cada vez mais para aparecer e, quando aparece, disputa atenção com muita gente”, afirma.

Segundo o profissional, ao fi-

delizar um responsável, a clínica conquista um cliente que já confia no serviço e apresenta outro comportamento. Ele volta, aceita melhor a conduta proposta, faz o retorno, leva o segundo animal e indica. “Além disso, esse cliente oferece previsibilidade, que é o que mais falta na maioria das clínicas. Agenda cheia de clientes novos e vazia de clientes recorrentes é sinal de negócio furado no meio do caminho”, alerta.

ERROS COMUNS. Um dos principais equívocos na gestão de negócios veterinários é achar que o bom atendimento clínico basta.

A prática clínica pode ser impecável e, mesmo assim, o cliente ir embora com a sensação de que ninguém explicou nada, avisou do atraso e ligou depois para saber como o animal está.

“O segundo erro é depender de pessoas em vez de processos. Quando a experiência do cliente varia conforme quem está na escala naquele dia, não existe relacionamento, existe sorte. Somando a isso, vejo três coisas que se repetem muito: recepção sem treinamento e autonomia para resolver, cadastro mal feito, que impede qualquer interação depois, e contato com o cliente só quando a clínica quer vender algum produto ou serviço”, analisa.

Ele ainda complementa lembrando que outro erro clássico

é cuidar do paciente e esquecer que quem decide, paga e volta é o responsável. Além disso, é importante destacar que existe diferença entre satisfação e fidelização. René conta que satisfação é a nota de um episódio, enquanto fidelização é o comportamento repetido ao longo do tempo e algo muito mais difícil de conquistar.

Logo, na prática, satisfação é termômetro e fidelização é resultado, e esse resultado aparece no Lifetime Value (LTV), que é o quanto um cliente gera de receita ao longo de toda a relação dele com a clínica, e não em uma consulta isolada. “Satisfação você mede com pesquisa e com o Net Promoter Score (NPS), uma pergunta simples sobre o quanto a pessoa recomendaria seu serviço. Já o LTV é avaliado com comportamento: quantos clientes voltaram, com que frequência, quanto cada um gerou ao longo dos anos e quantos sumiram nos últimos doze meses. Se a satisfação está alta e o LTV está baixo, tem algo entre a intenção do cliente e a ação dele que a clínica não está fazendo”, pontua.

O QUE FAZ O RESPONSÁVEL VOLTAR.

Confiança e previsibilidade são dois aspectos que fazem com que um cliente retorne à clínica ou ao hospital veterinário. A confiança diz respeito à sensação do cliente de que o problema foi resolvido e tratado com honestidade, inclusive quando a notícia é ruim ou o orçamento é alto. Por outro lado, a previsibilidade está relacionada ao fato de que o que foi combinado aconteceu do jeito que foi dito, no prazo, no valor e no cuidado.

Passos cita que existe um terceiro ponto que é subestimado: ser reconhecido. Quando o responsável chega e a pessoa da recepção sabe o nome do cachorro dele, lembra que ele fez uma cirurgia em março e pergunta como está se recuperando, isso vale mais do que qualquer campanha. Essa atenção não é dom, é histórico bem registrado e equipe orientada a usar esse histórico.

No entanto, em meio a rotina existem aspectos que são frequentemente negligenciados pelos gestores e »

podem impactar diretamente na percepção do responsável pelos pacientes.

“O meio da jornada, que é a consulta em si, quase sempre está bem cuidado porque é onde está o veterinário. Porém, o começo e o fim podem ser problemáticos. No começo está o tempo de resposta no WhatsApp, o jeito de conduzir o primeiro contato, o agendamento e a comunicação de orçamento. No fim está a alta bem explicada, a entrega de exames no prazo, o retorno agendado e o acompanhamento nas 48 horas seguintes”, afirma.

Para o profissional, outro ponto quase sempre esquecido são os momentos de maior carga emocional. Como exemplo está a internação, na qual o cliente fica horas sem notícia e a ansiedade vira desconfiança. Eutanásia e luto também podem ser citados. “A forma como a clínica conduz esses momentos define se aquela família volta com o próximo animal ou nunca mais pisa ali”, cita.

EXPERIÊNCIA POSITIVA DESDE O INÍCIO. O primeiro contato com o cliente pode ser o responsável por definir se ele irá escolher a clínica ou não.

Para quem está na gestão, uma tarefa fundamental é definir o tempo de resposta e cobrar isso dos funcionários.

René destaca que uma mensagem que fica duas horas sem resposta já custou o cliente, visto que ele pode tê-la enviado para outras três clínicas ao mesmo tempo. Também deve-se treinar quem atende os responsáveis para não responder só o preço, visto que quando alguém pergunta quanto custa a consulta e a resposta é apenas o valor, entra-se em uma comparação em que só o mais barato ganha. “O caminho é acolher, entender o caso, explicar o que está incluído e conduzir para o agendamento”, aconselha.

Em terceiro lugar, a orientação é registrar todos os dados desde o primeiro contato. Dentre eles, nome do responsável, nome e espécie do paciente, motivo da procura e canal de origem. Segundo o médico-veterinário, sem essas informações não existe acompanhamento, resgate de quem não agendou e medição do que está funcionando ou não.



René Monteiro Passos, médico-veterinário com MBA em Gestão de Serviços Clínicos e Hospitalares na Veterinária de Pequenos Animais

A FIDELIZAÇÃO ESTÁ NOS DETALHES.

Um cliente que chega a uma clínica veterinária não vai avaliar apenas o atendimento veterinário. Ele pode prestar atenção em aspectos muito mais simples, porém igualmente importantes. “O responsável pelo paciente pode não ter repertório para julgar a conduta terapêutica, mas analisa com precisão se o ambiente estava limpo, se tinha cheiro de urina, se o gato dele ficou ao lado de um cachorro grande latindo e se alguém explicou o motivo do atraso na consulta”, explica.

Ao citar o tempo de espera, Passos é enfático: o problema raramente é esperar, é esperar sem informação. Quinze minutos sem justificativa incomodam mais do que quarenta minutos com alguém avisando que houve uma emergência e perguntando se a pessoa prefere remarcar.

Além disso, o contato depois do atendimento, seja por mensagem ou ligação em 24 ou 48 horas para saber como o animal está, é considerado a ação mais barata e de maior retorno que existe no setor. “O pós-atendimento é seu sistema de alerta antecipado. É ali que você descobre que a medicação não estava sendo administrada corretamente, que o cliente ficou com dúvida sobre a dose e que ele saiu insatisfeito com alguma coisa. Resolver isso no segundo dia custa uma ligação. Descobrir isso um mês

depois, no Google, custa muito mais caro”, destaca. Inclusive, a forma como uma reclamação ou experiência ruim é encarada pode fazer toda a diferença.

Diante de um problema desse tipo, o ideal é ter uma resposta rápida, ouvir até o fim o que diz o cliente, sem interrompê-lo para se defender, e assumir a parte que compete ao negócio sem rodeios. Segundo René, a maior parte das reclamações não é sobre erro técnico, é sobre falta de comunicação, e o cliente quer ser ouvido antes de qualquer coisa.

Já depois de resolver, existe um passo que quase ninguém dá e que é o que realmente fideliza: voltar a falar com aquela pessoa alguns dias depois para contar o que mudou por causa dela. “Quando o cliente percebe que a reclamação dele gerou mudança real, ele sai mais próximo do que estava antes do problema. Para isso funcionar, a clínica precisa de um canal interno fácil, porque reclamação que não encontra caminho dentro da empresa vai direto para as redes sociais”, afirma.

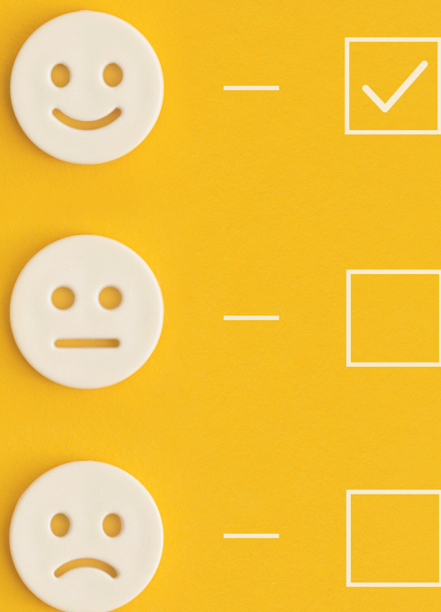
CONTATO ASSERTIVO. É comum que clínicas e hospitais veterinários entrem em contato com potenciais clientes para tentar gerar receita. No entanto, se a mensagem enviada serve apenas para o negócio e não tem finalidade para o responsável, muitas vezes, é melhor não enviá-la.

Entre os contatos que podem gerar bons resultados estão lembrete de vacina, checagem de pós-operatório e aviso de que o resultado do exame chegou, por exemplo.

Por outro lado, promoção genérica disparada para a base inteira serve só para a clínica e hospital e pode até resultar em bloqueio. “O outro ponto importante é a personalização mínima. Falar do animal pelo nome, citar o que aconteceu no último atendimento e respeitar horários pode mudar completamente a percepção do cliente. O conteúdo educativo também funciona bem, desde que resolva uma dúvida real do dia a dia e não seja só um post bonito com a logomarca”, pontua.

TENDÊNCIAS ATUAIS

A consolidação é encarada como uma das principais tendências da



ANÁLISE DE INDICADORES

Alguns dados podem ser usados para avaliar se os clientes estão realmente fidelizados. Para Passos, os indicadores essenciais são:



Taxa de retorno



Tempo desde a última visita



Frequência média de atendimentos por cliente no ano



Taxa de comparecimento em retornos e vacinas agendadas



Taxa de conversão do primeiro contato em agendamento.

“Depois disso vêm ticket médio, receita por cliente ao ano, taxa de indicação e NPS. Porém, eu recomendo começar por um número só, que costuma assustar e mobilizar: quantos clientes atendidos há dois anos não voltaram mais. Quase toda clínica que faz essa conta pela primeira vez descobre que perdeu muito mais gente do que imaginava”, diz.

Além disso, também é possível avaliar o retorno financeiro da fidelização. Essa análise pode parecer difícil, mas é mais simples do que se imagina.

René orienta que o gestor deve consultar a base de dados dos últimos 12 ou 24 meses e separar os clien-

tes em dois grupos: quem veio uma única vez e quem veio duas ou mais.

A partir disso, soma-se o faturamento de cada grupo e divide-se pelo número de clientes. A diferença entre esses dois números é o valor da fidelização no negócio em reais.

“A partir daí dá para avançar: calcular quanto custa trazer um cliente novo, somando marketing e tempo de equipe, e comparar com o custo de fazer um cliente antigo voltar, que geralmente é uma fração disso. Também vale acompanhar a receita que vem de ações programadas, como retorno, vacinação e acompanhamento de casos crônicos, porque essa é a receita mais previsível que uma clínica pode ter”, orienta.

fidelização de clientes na Medicina Veterinária nos próximos anos.

Conforme relata o profissional, com a entrada de redes e grupos de investimento no setor, a disputa deixa de ser só entre clínicas de bairro e passa a envolver estruturas com processo, marca e dinheiro para investir em experiência.

Nesse cenário, quem é independente vai precisar competir com aquilo que a rede tem dificuldade de fazer: o vínculo pessoal e a continuidade de cuidado com o mesmo profissional.

“Junto disso vêm modelos de recorrência, como planos de saúde pet, assinaturas e pacotes preventivos, que mudam a lógica de visita esporádica para acompanhamento contínuo. Somam-se a tudo o crescimento do atendimento domiciliar e da orientação remota, a presença de clientes mais jovens que pesquisam, comparam e exigem transparência de conduta e uma valorização cada vez maior da Medicina Preventiva”, comenta.

Dessa forma, a fidelização vai depender menos de campanha e mais de conseguir manter o animal dentro de uma rotina de cuidado ao longo da vida dele.

Para completar, é importante entender que a fidelização não é um trabalho unicamente da recepção.

René comenta que, enquanto a experiência do cliente for tratada como assunto de quem atende o telefone, a estratégia não vai funcionar. Cada colaborador precisa saber qual é o seu papel nesse processo: o veterinário explicando de forma clara para que o responsável entenda e deixando o retorno agendado, o auxiliar cuidando do ambiente e do manejo e a recepção conduzindo entrada e saída.

“Aquilo que o gestor não acompanha em reunião, a equipe entende como não prioritário. Levar indicador de retorno, elogio e reclamação para a reunião semanal muda o comportamento rápido. E tem uma parte incômoda que precisa ser dita: equipe sobrecarregada, com escala ruim e clima pesado não entrega experiência boa. Não existe cliente encantado com time exaustivo, e a rotatividade alta que o setor enfrenta hoje é um dos maiores inimigos da fidelização, porque cada saída leva embora vínculo com cliente”, finaliza. ■

Semana SIPAT

DE 17 A 21 DE AGOSTO, o CRMV-SP realizou sua Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPAT), período dedicado ao desenvolvimento das equipes, à integração e ao aprimoramento dos processos de trabalho. A iniciativa teve como foco a construção coletiva e a busca por melhorias que contribuam para a eficiência dos serviços oferecidos aos profissionais.

Durante a semana, os colaboradores participaram de formações e atividades sobre temas como educa-

ção financeira, fluxo de processos, saúde emocional, comunicação, bem-estar e trabalho em equipe.

A ação mostra o compromisso do Regional com o desenvolvimento das pessoas e com a construção de um Conselho cada vez mais preparado para atender às necessidades de médicos-veterinários e zootecnistas.

O período também contou com alterações temporárias nos horários de atendimento ao público. A iniciativa busca transformar o aprendizado e o aprimoramento interno em melhorias permanentes nos serviços prestados pelo CRMV-SP.



Implantação do SUAP

O CRMV-SP implantou o Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), plataforma destinada à digitalização da gestão de processos e documentos administrativos.

A iniciativa amplia a integração com o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) e com os Conselhos Regionais que já utilizam o sistema, além de proporcionar mais agilidade, segurança e eficiência aos procedimentos internos.

Como parte da implantação, o Regional realizou, entre os dias 24 e 28 de agosto, uma semana de treinamento e adaptação dos colaboradores à nova ferramenta.

A adoção do SUAP também contribui para a redução do uso de papel e dos custos administrativos, consolidando a modernização dos processos e a integração entre as unidades do Sistema CFMV/CRMVs.

Segundo Encontro Científico da Revista MV&Z

ESTÃO ABERTAS as inscrições para o 2º Encontro Científico da Revista MV&Z, promovido pelo CRMV-SP, que será realizado no dia 13 de novembro, na sede do Regional.

A iniciativa reúne médicos-veterinários, zootecnistas, estudantes, docentes e pesquisadores em um espaço destinado à apresentação de trabalhos, troca de experiências e a contribuição para a produção científica nas áreas de

Prêmios CRMV-SP



AS INDICAÇÕES para os Prêmios CRMV-SP, iniciativa que reconhece médicos-veterinários e zootecnistas que se destacam por suas contribuições para o desenvolvimento das profissões, ficam abertas até 30 de setembro.

A premiação contempla diferentes áreas de atuação, valorizando trajetórias profissionais, acadêmicas e científicas de relevância para a Medicina Veterinária e a Zootecnia.

Para indicar um profissional, é necessário enviar um e-mail para comunicacao@crmvp.gov.br com o nome do indicado, a categoria ou prêmio, breve currículo, atividades profissionais, educacionais, científicas ou sociais desenvolvidas na área correspondente e justificativa do mérito da indicação. Mais informações estão disponíveis em: www.crmvsp.gov.br.

Medicina Veterinária e Zootecnia.

As inscrições e a submissão de trabalhos seguem abertas até 13 de setembro. Os trabalhos poderão ser apresentados nas modalidades comunicação oral-expositiva e pôster digital. Para submeter uma pesquisa, é necessário realizar primeiro a inscrição no evento e, após a confirmação, acessar o link de submissão enviado por e-mail.

A programação é uma oportunidade para a divulgação de pesquisas, o intercâmbio de conhecimentos e a aproximação entre a comunidade científica, estudantes e profissionais. Inscrições, normas para submissão e demais informações estão disponíveis em: encontrocientificomvez.crmvsp.gov.br.

O que os olhos não veem, **o coração** *não* sente, sim

Fique atento:

as doenças cardíacas podem
evoluir sem sinais visíveis,
mas são perigosas para
a saúde do seu pet.



Vetmedin® é o único medicamento com indicação
para o estágio B2* dos pacientes cardiopatas,
para ajudá-los a viverem **mais e melhor**.

*Seguindo os critérios do estudo EPIC.

**Cuide do coração de quem
faz o seu bater mais feliz.**

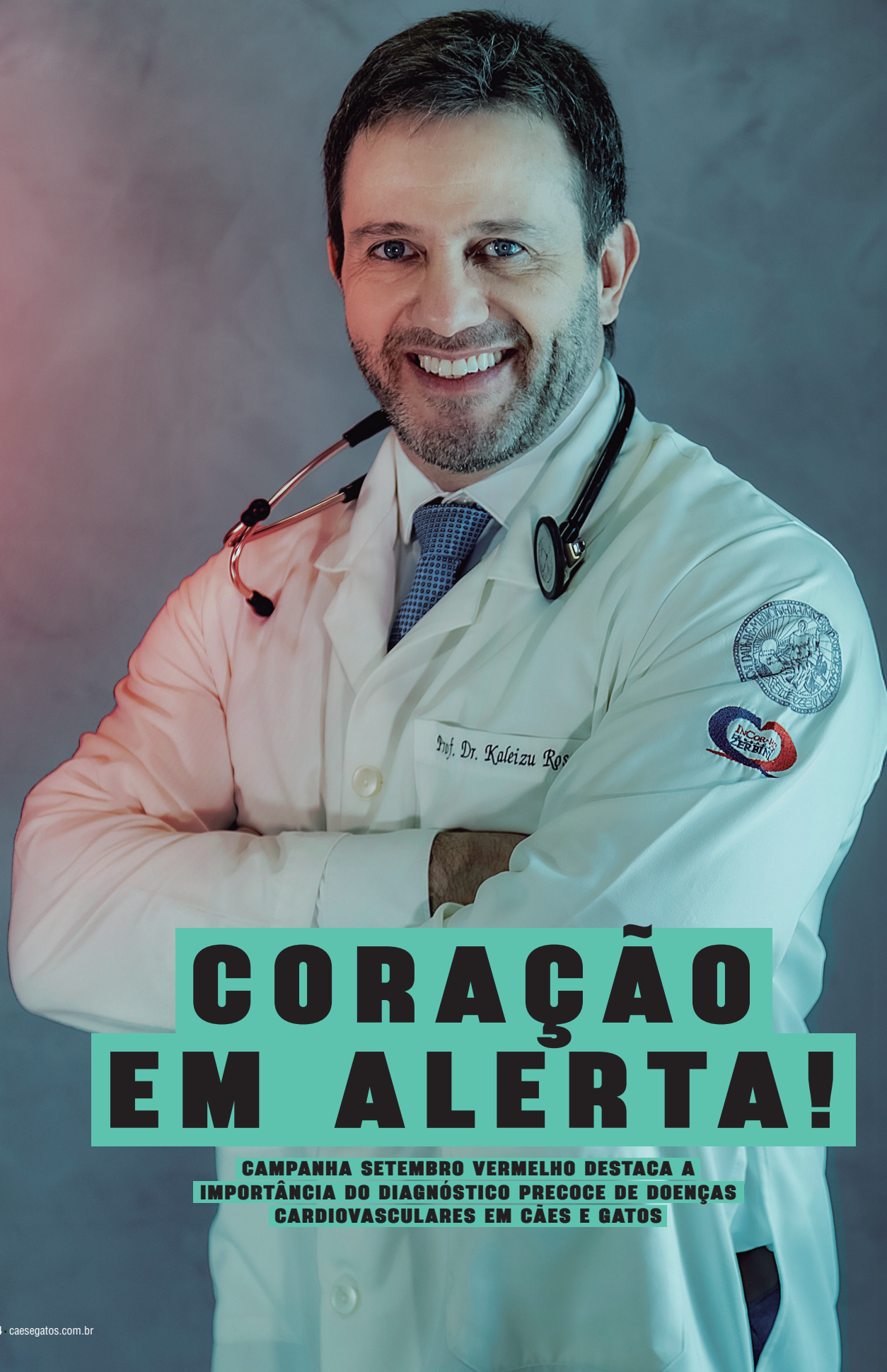
**Procure um médico-veterinário e
faça o acompanhamento contínuo.**
O diagnóstico precoce traz uma
expectativa de vida ainda maior.



**Mês de conscientização
sobre doenças do coração**

vet  **edin®**

O primeiro e para sempre



CORAÇÃO EM ALERTA!

**CAMPANHA SETEMBRO VERMELHO DESTACA A
IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE DOENÇAS
CARDIOVASCULARES EM CÃES E GATOS**

» DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

O mês de setembro acende um alerta importante no cuidado com cães e gatos e reforça a importância da prevenção e do diagnóstico precoce das cardiopatias.

Assim como acontece com os seres humanos, os pequenos animais também podem desenvolver doenças cardiovasculares, que possuem relação direta com alguns fatores, como predisposição genética, raça e idade.

No entanto, diferentemente do que muitos responsáveis pensam, os sinais clínicos dessas enfermidades podem ser silenciosos, o que destaca a necessidade de acompanhamento veterinário periódico, especialmente quando os pets entram para a fase sênior. Para falar sobre as cardiomiopatias mais comuns em cães e gatos, conversamos com exclusividade com Kaleizu T. Rosa.

Kaleizu é médico-veterinário, mestre em Fisiopatologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), doutor em Ciências com foco na área de concentração de Cardiologia pelo Instituto do Coração (InCor), master coach pela International Association of Coaching e diretor do Instituto Kaleizu Treinamentos em Medicina Veterinária.

Cães&Gatos - A campanha Setembro Vermelho é conhecida por conscientizar sobre as doenças cardiovasculares em humanos. Como ela pode contribuir para ampliar a atenção à saúde cardíaca de cães e gatos?

Kaleizu T. Rosa - O Setembro Vermelho é uma excelente oportunidade para lembrar que cães e gatos também

desenvolvem doenças cardíacas, muitas delas de evolução silenciosa. A campanha ajuda a conscientizar os responsáveis sobre a importância das consultas de rotina, já que o diagnóstico precoce aumenta as chances de acompanhamento adequado e melhora a qualidade de vida dos pacientes. Porém, na Medicina Veterinária as doenças cardiovasculares têm características diferentes das observadas em humanos. Fatores como predisposição genética, raça, idade e comorbidades são mais relevantes do que hábitos de vida. Por isso, a principal mensagem da campanha deve ser: não esperar o aparecimento de sintomas para avaliar a saúde cardíaca dos pets, especialmente daqueles pertencentes a raças predispostas ou em idade mais avançada.

Qual é a importância de discutir as cardiomiopatias na Medicina Veterinária? As cardiomiopatias estão entre as principais doenças do músculo cardíaco em cães e gatos e representam uma causa importante de insuficiência cardíaca, arritmias, tromboembolismo e morte súbita. Além do impacto na sobrevida, comprometem significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Discutir esse tema é fundamental, pois muitas dessas enfermidades permanecem assintomáticas por meses ou até anos. Com isso, quanto mais cedo elas forem identificadas, maiores são as chances de instituir um acompanhamento adequado e, em algumas situações, retardar a progressão e reduzir o risco de complicações.

O que caracteriza uma cardiomiopatia e como essas doenças comprometem o funcionamento do coração?

A cardiomiopatia é uma doença que acomete diretamente o músculo cardíaco, alterando sua estrutura e/ou função. Dependendo do tipo, o coração pode perder a capacidade de se contrair adequadamente, relaxar de forma eficiente ou apresentar alterações elétricas que favorecem o desenvolvimento de arritmias. Essas alterações comprometem o bombeamento de sangue para o organismo e podem aumentar a pressão dentro do coração e dos pulmões, favorecendo o desenvolvimento de insuficiência cardíaca congestiva. Em alguns pacientes, também há maior risco de tromboembolismo e morte súbita.

Existem diferenças importantes entre as cardiomiopatias que acometem cães e gatos? Sim. Embora o termo cardiomiopatia se refira às doenças do músculo cardíaco em ambas as espécies, os tipos mais frequentes e seu comportamento clínico são bastante diferentes. Nos cães, a cardiomiopatia dilatada é a forma mais comum, caracterizada pela dilatação das câmaras cardíacas e redução da força de contração do coração. Nos gatos, a Cardiomiopatia Fenótipo Hipertrófica (CMH) é a mais frequente e caracterizada pelo espessamento do músculo cardíaco, dificultando o relaxamento do ventrículo esquerdo. Também podem ocorrer a Cardiomiopatia Restritiva (CMR), marcada pela perda da complacência do ventrículo e importante aumento dos átrios; a Cardiomiopatia Arritmogênica do Ventrículo Direito (CAVD), em que há substituição do músculo cardíaco por tecido fibroso e adiposo, favorecendo arritmias; a Cardiomiopatia Não Classificada »

(CMNC), que ocorre quando o coração apresenta alterações que não se enquadram nas formas tradicionais; e, mais raramente, a Cardiomiopatia Dilatada (CMD), caracterizada pela redução da contratilidade e dilatação das câmaras cardíacas, atualmente menos comum após a inclusão de taurina nas dietas comerciais.

Quais cardiomiopatias são mais comuns em cães? Nelas há predisposição racial ou genética? A principal cardiomiopatia dos cães é a cardiomiopatia dilatada, caracterizada pela redução da força de contração e pela dilatação das câmaras cardíacas. Ela possui importante predisposição genética, especialmente em raças de porte grande e gigante, como Doberman, Dogue Alemão, Boxer, Irish Wolfhound, Terra Nova, Golden Retriever, Labrador e São Bernardo. Para algumas raças já existem testes genéticos capazes de identificar mutações associadas à doença. Esses testes não confirmam que o animal desenvolverá a cardiomiopatia, mas ajudam a reconhecer indivíduos de maior risco, orientar o acompanhamento cardiológico e auxiliam programas de reprodução.

E nos gatos, quais formas da doença são mais frequentemente diagnosticadas? A cardiomiopatia fenotipo hipertrófica é, de longe, a forma mais comum nos gatos. Ela se caracteriza pelo espessamento do músculo cardíaco, principalmente do ventrículo esquerdo, dificultando o relaxamento e o enchimento do coração. Algumas raças apresentam predisposição genética conhecida, especialmente Maine Coon, Ragdoll e Sphynx. Já existem no Brasil testes para mutações associadas à cardiomiopatia hipertrófica nessas raças, mas é importante destacar que o resultado indica predisposição e não substitui o ecocardiograma nem confirma isoladamente o diagnóstico.

A idade é um fator de risco importante ou essas doenças também podem acometer animais jovens? A idade é um fator importante,

pois muitas cardiomiopatias são diagnosticadas em animais adultos ou idosos. No entanto, pacientes jovens também podem ser acometidos, principalmente quando existe predisposição genética. Por isso, em raças predispostas o acompanhamento deve começar antes do aparecimento dos sinais clínicos. Quando há um teste genético disponível, ele pode ajudar a definir quais animais precisam de vigilância mais próxima, embora nunca substitua a avaliação cardiológica periódica.

Existem outras condições que favorecem o desenvolvimento de cardiomiopatias? Embora muitas cardiomiopatias tenham origem genética ou hereditária, algumas podem ser secundárias a outras condições. Entre elas estão deficiências nutricionais, como a de taurina, endocrinopatias, como o hipertireoidismo em gatos, além de miocardites, exposição a alguns medicamentos ou toxinas e, mais raramente, doenças infiltrativas do miocárdio. Devido a isso, identificar a causa da cardiomiopatia é uma etapa importante da investigação, pois em algumas situações o tratamento da doença de base pode estabilizar ou até reverter parte das alterações cardíacas.

Quais são os primeiros sinais que costumam indicar uma doença cardíaca em cães? Os primeiros sinais costumam ser discretos e, muitas vezes, passam despercebidos pelos responsáveis. Redução da disposição para passeios e brincadeiras, cansaço mais fácil, intolerância ao exercício e episódios de tosse, principalmente após esforço ou durante a noite, podem ser os primeiros indícios de uma doença cardíaca. À medida que a doença evolui, pode surgir dificuldade respiratória, aumento da frequência respiratória em repouso, desmaios e distensão abdominal. Vale lembrar que algumas cardiopatias permanecem assintomáticas por um longo período e são identificadas apenas durante o exame clínico, por meio da auscultação de um sopro ou da detecção de uma arritmia.

Há diferenças nos sinais clínicos observados nos felinos? Sim. Diferentemente dos cães, os gatos raramente apresentam tosse como manifestação de doença cardíaca. Os sinais mais comuns são redução da atividade, dificuldade respiratória e aumento da frequência respiratória em repouso. Em muitos casos, a primeira alteração percebida pelo responsável é apenas uma mudança sutil de comportamento. Outra característica importante é a maior predisposição ao tromboembolismo arterial. Nesses casos, um coágulo formado no coração pode obstruir a circulação, geralmente para os membros pélvicos, provocando dor intensa, paralisia súbita e extremidades frias, sendo considerado emergência veterinária.

As cardiomiopatias podem permanecer assintomáticas por um longo período? Essa é uma das principais características das cardiomiopatias felinas, especialmente da cardiomiopatia hipertrófica. Uma parcela expressiva de gatos permanece assintomática durante boa parte da evolução da doença, mesmo apresentando alterações importantes no coração. Muitas vezes, a primeira manifestação ocorre justamente após um fator desencadeante, como anestesia, fluidoterapia inadequada ou uso de corticosteroides em um paciente que até então parecia completamente saudável. Por essa razão, costumo recomendar a avaliação cardiológica completa para todos os gatos que serão submetidos à anestesia, independentemente da idade ou da presença de sinais clínicos.

Quais manifestações clínicas indicam que a doença já está em estágio mais avançado? Nas fases mais avançadas, os pacientes podem desenvolver insuficiência cardíaca congestiva, manifestada principalmente por dificuldade respiratória, aumento da frequência respiratória em repouso e intolerância importante ao exercício. Também podem ocorrer desmaios decorrentes de arritmias graves ou da redução do débito cardíaco. Nos gatos, além da insuficiência cardíaca,

uma das complicações mais temidas é o tromboembolismo arterial. Tanto a insuficiência cardíaca quanto o tromboembolismo representam emergências médicas e exigem atendimento veterinário imediato.

A insuficiência cardíaca congestiva ainda é uma das principais consequências dessas doenças? Por que ela acontece?

Sim, a insuficiência cardíaca congestiva continua sendo uma das principais complicações das cardiomiopatias em cães e gatos. Ela ocorre quando o coração perde a capacidade de bombear ou acomodar o sangue de forma eficiente, levando ao aumento das pressões dentro das câmaras cardíacas e ao extravasamento de líquido para os pulmões ou outras cavidades do organismo. Nos cães, a manifestação mais comum é o edema pulmonar. Nos gatos, além do edema pulmonar, o derrame pleural é uma apresentação frequente e pode causar intensa dificuldade respiratória.

Muitos responsáveis por gatos não percebem alterações até que a doença esteja avançada. Por que isso acontece?

Os gatos são especialistas em mascarar sinais de doença. Por instinto, tendem a reduzir gradualmente sua atividade física e adaptar sua rotina, tornando as alterações pouco perceptíveis para os responsáveis. Além disso, muitas cardiomiopatias evoluem de forma silenciosa por longos períodos, sem provocar sinais clínicos evidentes.

Devido a isso, não é raro que o primeiro indicio da doença seja uma descompensação aguda, como insuficiência cardíaca congestiva ou tromboembolismo arterial. Esse comportamento reforça a importância das consultas de rotina, da auscultação cardíaca e da investigação cardiológica quando houver fatores de risco ou suspeita clínica.

Como é feito o diagnóstico das cardiomiopatias? O diagnóstico começa com uma boa anamnese e exame físico, especialmente a auscultação cardíaca, que pode identificar sopros,



arritmias ou outros achados sugestivos. A partir dessa suspeita clínica, são indicados exames complementares para confirmar o diagnóstico e caracterizar a doença. É importante salientar, porém, que a ausência de sopro ou uma auscultação normal não exclui completamente a possibilidade de uma cardiomiopatia. Por essas e outras razões, o ecocardiograma é o principal exame para diagnosticar e classificar as cardiomiopatias, pois permite avaliar a anatomia e a função do coração em tempo real. Dependendo do caso, outros exames, como radiografia torácica, eletrocardiograma, mensuração da pressão arterial e biomarcadores cardíacos complementam a investigação e auxiliam na definição do prognóstico e da melhor estratégia terapêutica.

Biomarcadores cardíacos têm auxiliado no diagnóstico precoce?

Em quais situações eles são recomendados? Na minha rotina, o NT-proBNP tem sido uma ferramenta cada vez mais útil como exame complementar, principalmente em

pacientes com suspeita de cardiopatia ou naqueles em que precisamos diferenciar uma causa cardíaca de uma doença respiratória. Ele não substitui o ecocardiograma, mas ajuda a direcionar a investigação e identificar quais pacientes se beneficiam de uma avaliação cardiológica mais aprofundada. Já a troponina cardíaca é utilizada principalmente como marcador de lesão do músculo cardíaco em diferentes doenças.

Quais são os principais fatores avaliados para instituir o tratamento das cardiomiopatias em cães e gatos?

O tratamento é individualizado e depende de diversos fatores, como o tipo de cardiomiopatia, o estágio da doença e a presença ou não de insuficiência cardíaca congestiva, arritmias, tromboembolismo, hipertensão arterial e outras doenças associadas. Além de controlar os sinais clínicos, o objetivo é retardar a progressão da enfermidade, reduzir o risco de complicações e preservar a qualidade de vida do paciente. Por isso, o acompanhamento periódico é fundamental, já que a conduta terapêutica pode precisar de ajustes ao longo da evolução da cardiopatia.

Existem avanços que podem ajudar a prevenir ou retardar a progressão das cardiomiopatias nos pets?

Hoje conseguimos identificar e acompanhar essas doenças mais precocemente por meio do aprimoramento do ecocardiograma, dos biomarcadores cardíacos e dos testes genéticos. Já existem no Brasil testes para algumas mutações associadas à cardiomiopatia dilatada em cães e à cardiomiopatia hipertrófica em gatos. Eles não determinam com certeza se o animal desenvolverá a condição, mas permitem identificar maior predisposição, antecipar o acompanhamento cardiológico e orientar programas de reprodução mais responsáveis. Na minha visão, esse é um dos caminhos mais promissores da Cardiologia Veterinária: sair de uma atuação apenas reativa e caminhar para uma Medicina cada vez mais preventiva e individualizada. ■

A

profissão de médico-veterinário é considerada por muitos uma das mais bonitas. Porém, representa um grande desafio para quem a exerce, principalmente quando se fala em saúde mental.

Por isso, no mês em que se celebra o Dia do Médico-Veterinário, comemorado em 9 de setembro, é fundamental destacar a importância de cuidar daqueles que dedicam a sua vida a oferecer mais conforto e saúde para o próximo.

Segundo Juliana Sato, psicóloga especialista em luto pet e saúde mental na Medicina Veterinária, mestranda em Psiquiatria e Psicologia médica

A IMPORTÂNCIA DE CUIDAR DE QUEM CUIDA

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e certificada em luto pet pela Association for Pet Loss and Bereavement (APLB), hoje sabe-se que cuidar da saúde mental dos médicos-veterinários também é uma questão de qualidade da assistência.

“Trata-se de uma profissão que reúne fatores de risco importantes como contato constante com sofrimento, tomada de decisões complexas, pressão emocional, conflitos com responsáveis, jornadas extensas e alta responsabilidade técnica”, explica.

Juliana relata que durante muito tempo se acreditou que o sofrimento fazia parte da profissão e que o veterinário precisava simplesmente aprender a suportá-lo. Contudo, a Psicologia mostra justamente o contrário: sofrimento contínuo sem estratégias adequadas de enfrentamento aumenta o risco de ansiedade, depressão, burnout e outros problemas de saúde mental.

Devido a isso, usar ferramentas e recursos de autocuidado faz parte das boas práticas profissionais.

FATORES QUE LEVAM À VULNERABILIDADE.

Na prática, não existe um único fator associado aos desafios para a saúde mental de médicos-veterinários. A rotina intensa é um dos aspectos que não podem ser deixados de lado. Diariamente, os profissionais podem lidar com vidas, conviver com perdas, realizar eutanásias, enfrentar limitações financeiras dos responsáveis, se deparar com expectativas muitas vezes irreais e, ainda, precisam manter um alto nível técnico sob intensa pressão.

“Existe também um forte envolvimento com os pacientes. O médico-veterinário frequentemente estabelece vínculo tanto com o animal quanto com sua família, tornando o impacto emocional ainda maior”, pontua a psicóloga.

Além disso, o veterinário é responsável por seus próprios animais e pode estar vivendo o



Juliana Sato, psicóloga especialista em luto pet e saúde mental na Medicina Veterinária

próprio luto pela morte de um deles enquanto acolhe famílias que estão perdendo os seus. Sem o preparo adequado para essas situações, a saúde mental pode ficar comprometida.

PERDAS QUE DEIXAM MARCAS.

Cada perda representa uma história interrompida. Juliana destaca que, embora o profissional saiba racionalmente que nem sempre é possível salvar um paciente, emocionalmente essas experiências deixam marcas.

A exposição repetida ao luto é capaz de gerar desgaste cumulativo, existindo veterinários que carregam lembranças dos casos clínicos para casa, revivem decisões tomadas, sofrem com culpa e tristeza persistente ou passam a evitar determinadas situações por sofrimento emocional.

“Quando esse processo não encontra espaço para elaboração, o impacto tende a aumentar ao longo dos anos. E, mesmo não estando enlutado, o médico-veterinário pode se identificar com o luto dos responsáveis que atende. Por isso, compreender os processos de luto é fundamental para entender a si mesmo e ao próximo”, cita.

No entanto, existe uma forma saudável de lidar com a perda dos pacientes sem desenvolver um dis-

tanciamento emocional excessivo? A psicóloga explica que sim, mas a solução não é deixar de sentir.

Para ela há uma diferença entre estabelecer limites emocionais saudáveis e tornar-se emocionalmente indiferente. Inclusive, a empatia continua sendo uma competência essencial na Medicina Veterinária.

“O que protege o profissional é desenvolver recursos para reconhecer suas emoções, compartilhar experiências com colegas, contar com espaços de supervisão ou apoio psicológico e compreender que sentir tristeza diante de uma perda não significa falta de preparo profissional”, destaca.

O PESO DA CULPA. A morte faz parte da vida e é impossível salvar todos os pacientes. Mesmo tendo ciência desse fato, é comum que os veterinários sintam culpa quando um tratamento não apresenta o resultado esperado.

Muitos profissionais interpretam um desfecho desfavorável como fracasso pessoal, independentemente se todas as condutas foram corretas. Esse padrão favorece o surgimento de sentimentos complexos, como autocritica intensa, ansiedade e diminuição da confiança profissional.

Porém, a especialista destaca que é importante lembrar que Medicina Veterinária trabalha com probabilidades e não com garantias. Com isso, nem todo resultado depende exclusivamente da competência do veterinário.

“Ao longo do tempo, a capacidade emocional vai sendo consumida. O veterinário ingressa na profissão por satisfação e compaixão e com o passar dos anos pode ficar sobrecarregado e sentir exaustão, irritabilidade, dificuldade para se conectar com pacientes, ter a sensação de estar emocionalmente “esvaziado” e reduzir a satisfação no trabalho. Isso não é falta de vocação, é consequência de uma exposição prolongada ao sofrimento sem recuperação adequada”, relata.

Outro ponto importante é que a profissão envolve decisões rápidas, execução de procedimentos complexos e grande responsabilidade sobre vidas. Frente a esses desafios, o cérebro permanece em estado constante de alerta.

Esse estado de vigilância per- ➤

manente está associado a maior vulnerabilidade a sintomas ansiosos e, quando a ansiedade deixa de ser pontual e passa a interferir na vida, é preciso atenção. “Entre os sinais comuns deste transtorno estão preocupação excessiva, dificuldade para se desligar do trabalho, insônia, irritabilidade, tensão muscular constante, sintomas físicos, como taquicardia e falta de ar, dificuldade de concentração e prejuízo nas relações pessoais”, pontua.

Se esses sintomas persistem por semanas ou começam a comprometer o funcionamento do profissional, é importante procurar avaliação psicológica.

OS RISCOS DA DISPONIBILIDADE 24/7. Com a era da internet ficou muito mais difícil se desligar completamente do trabalho, especialmente quando podem ser recebidas mensagens fora do expediente.

Essa possibilidade de comunicação permanente cria no médico-veterinário a sensação de que ele precisa estar disponível o tempo todo, o que dificulta o descanso psicológico.

Por isso, é fundamental entender que estabelecer limites claros de comunicação não é falta de acolhimento, é uma medida importante de proteção da saúde mental e contribui para um atendimento mais seguro.

Quando os limites não são definidos, há maior predisposição ao desenvolvimento não apenas de ansiedade, como também de burnout.

De acordo com Juliana, o burnout resulta do estresse ocupacional crônico que não foi adequadamente manejado. Manifesta-se em três dimensões: exaustão, distanciamento mental ou cinismo em relação ao trabalho e redução da eficácia profissional.

Na Medicina Veterinária, contribuem para o seu surgimento jornadas de trabalho extensas, plantões frequentes sem descanso, alta demanda emocional, excesso de responsabilidade, escassez de profissionais nas equipes, conflitos com clientes e pouca oportunidade de recuperação física e mental.

“Muitas vezes, os sintomas do burnout aparecem de forma discreta. O profissional começa a sentir cansaço constante, perde o entusiasmo pelo trabalho, torna-se mais

impaciente, passa a atender de forma automática, sente dificuldade para descansar mesmo nas folgas e percebe queda da concentração. Como esses sinais costumam surgir gradualmente, grande parte das pessoas acredita que é apenas uma fase”, diz.

Para evitar esses quadros é importante entender que o organismo precisa de períodos de recuperação para manter seu funcionamento adequado.

Juliana alerta que quando descanso, lazer, sono e convivência familiar são continuamente sacrificados ocorre um desgaste físico e emocional progressivo. Sem tempo suficiente para recuperação, aumenta o risco de ansiedade, burnout, depressão e redução da qualidade do atendimento.

CUIDADO COM QUEM ESTÁ NA LINHA DE FRENTE.

Quem trabalha cuidando do outro muitas vezes esquece de cuidar de si mesmo. Mas esse é um grande erro. No dia a dia, pequenas mudanças, quando consistentes, podem fazer a diferença na saúde mental de médicos-veterinários. São elas:



Dormir bem;



Manter uma rotina de atividade física;



Estabelecer limites de horário para o trabalho;



Fazer pausas durante o expediente;



Cultivar relações fora da clínica ou do hospital;



Participar de grupos de apoio entre colegas;



Buscar acompanhamento psicológico quando necessário.

“Também é fundamental abandonar a ideia de que pedir ajuda demonstra incapacidade. Na verdade, é um comportamento de autocuidado e responsabilidade profissional”, cita a psicóloga. Além disso, esse deve ser um cuidado dos próprios empre-

gadores, visto que a saúde mental não depende apenas do indivíduo.

Empresas do ramo podem investir em lideranças preparadas, comunicação respeitosa, distribuição equilibrada da carga de trabalho, pausas adequadas, protocolos para situações críticas, espaços de desconpressão após casos difíceis e políticas claras de apoio psicológico.

Ambientes saudáveis não eliminam o sofrimento inerente à profissão, mas reduzem significativamente seu impacto. Para completar, é importante saber quando pedir ajuda e não esperar até que o sofrimento se torne insuportável.

Quando o médico-veterinário deixa de ter fontes de realização e passa a sentir sofrimento constante, enfrenta alterações persistentes no sono, humor, ansiedade ou irritabilidade, tem dificuldade para se recuperar emocionalmente após crises, ou se o sofrimento está afetando a vida pessoal e laboral, é um bom momento para procurar ajuda.

“Cuidar da saúde mental não significa que o profissional está adoecendo. Significa reconhecer que quem dedica a vida a cuidar dos outros também precisa de cuidado”, finaliza a especialista. ▀

COMO PEDIR AJUDA

Médicos-veterinários que precisem de assistência podem entrar em contato com o Centro de Valorização da Vida (CVV) através do número 188. As ligações são gratuitas e há atendentes disponíveis 24 horas por dia. Também é possível buscar auxílio no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) pela rede do Sistema Único de Saúde (SUS).



Parabéns, **Médico Veterinário**

09 de setembro — Dia do Médico Veterinário

**Cuidar da saúde animal
é um ato de amor e ciência.**

Celebramos cada profissional que
dedica sua vocação ao bem-estar
e à longevidade dos nossos pets.



farmácia de manipulação **petlove**♥

**Tratamento sob medida
para cada paciente**

Manipulação farmacêutica veterinária com
**rigor técnico, fórmulas individualizadas
e foco em adesão ao tratamento.**

**Diferenciais para sua rotina
e seus pacientes:**

- ✓ Atendimento 100% online e entrega rápida
- ✓ Laboratório tecnológico regulamentado pelo MAPA
- ✓ Matérias-primas rigorosamente certificadas
- ✓ Diversas formas farmacêuticas e sabores
- ✓ Descontos exclusivos para veterinários

**Acesse nossos
conteúdos técnicos:**





DO PASSADO AO PRESENTE

DIA DO MÉDICO-VETERINÁRIO NÃO APENAS CELEBRA OS PROFISSIONAIS QUE LUTAM DIA APÓS DIA PARA UMA MEDICINA VETERINÁRIA DE QUALIDADE, COMO TAMBÉM NOS CONVIDA A AVALIAR AS MUDANÇAS VIVENCIADAS PELA PROFISSÃO NOS ÚLTIMOS ANOS

» **DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO**
danielle@dc7comunica.com.br



Setembro é um dos meses mais relevantes para o setor, pois celebra uma data importante: o Dia do Médico-Veterinário.

Comemorada em 9 de setembro, a data foi instituída em 1933 a partir da assinatura do Presidente Getúlio Vargas no Decreto nº 23.133, que regulamentou a prática da Medicina Veterinária no Brasil.

Mais do que valorizar esses profissionais, que são fundamentais para a saúde humana, animal e ambiental, a celebração nos faz refletir sobre muitos aspectos. Dentre eles, as profundas mudanças pelas quais a profissão passou nos últimos anos.

Para falar sobre o assunto, reunimos profissionais que acompanham de perto a evolução da Medicina Veterinária e compartilham suas percepções sobre a prática clínica atual, a chegada das novas tecnologias, o avanço das especializações, a evolução do mercado e as mudanças no perfil dos responsáveis pelos pacientes.

ANTES E HOJE. Mitika Kuribayashi Hagiwara, médica-veterinária, mestre e doutora em Saúde Pública, professora emérita do Departamento de Clínica Médica da FMVZ-USP e atual conselheira do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), se formou há sessenta anos e se considera avó de muitos jovens veterinários.

Quando se graduou, em 1965, enfrentou um cenário no qual o médico-veterinário que estava de plantão precisava fazer tudo na clínica. “No início, cada caso que chegava me deixava insegura, exceto quando era para vacinação, pois tínhamos apenas dois tipos de vacinas, a nacional e a importada, e não se falava ainda em vacina ‘ética’. Também era comum o medo de atender cães com raiva”, afirma.

Já em meados dos anos 90, o cenário mudou um pouco mas, ainda assim, após se formar, o médico-veterinário começava a atuar como clínico geral, realizando desde consultas até coletas de exames e muitos outros procedimentos.

Segundo Márcia Marques Jericó, médica-veterinária mestre em Fisiologia, doutora em Clínica Médica e sócia-fundadora da Associação Brasileira de Endocrinologia Veterinária (ABEV), o início da sua carreira foi no Hospital Veterinário da FMZV-USP.

Na época, a prática era muito mais generalista e tinha recursos bastante limitados quando comparada à atual, o que exigia grande capacidade de observação clínica e adaptação.

“O médico-veterinário precisava assumir muitas funções: atender, providenciar a coleta do material, realizar procedimentos e, frequentemente, tomar decisões com base, sobretudo, na anamnese, no exame físico e em poucos exames complementares”, relembra.

Rita Carmona, médica-veterinária mestre em Dermatologia e atual presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV) também começou a sua carreira no Hospital Veterinário da FMZV-USP e conta que a rotina de trabalho era intensa, mas serviu de grande aprendizado.

“Na época que me formei, as especialidades não eram praticadas como são hoje. Tínhamos, basicamente, duas grandes áreas de atuação: clínica médica e cirurgia”, explica.

Viviani De Marco, médica-veterinária com residência e mestrado em Clínica Médica, doutorado e pós-doutorado em Endocrinologia e sócia fundadora e atual membro da Comissão Científica da ABEV, viveu uma realidade muito similar.

De acordo com ela, nesse período o clínico precisava atender diferentes tipos de casos, o que fazia com que a experiência, o exame físico e o raciocínio clínico tivessem um peso ainda maior nas decisões.

Já Rodrigo Rabelo, médico-veterinário mestre em Medicina Veterinária, doutor em Ciências Veterinárias e primeiro especialista titulado pela Academia Brasileira de Urgências e Cuidados Intensivos (BVECCS) e pelo

Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) em Medicina Veterinária Intensiva do Brasil, comenta que o início da sua carreira aconteceu nos Estados Unidos, o que lhe proporcionou uma visão diferente da profissão.

“Eu me formei em 1997 e fui para os Estados Unidos para fazer uma certificação de quatro meses na área de emergência e cuidados intensivos. Nessa época, trabalhava cerca de 16 horas por dia e pude ter acesso a recursos e tecnologias que até então não existiam no Brasil”, afirma.

A CHEGADA DAS ESPECIALIZAÇÕES.

Nos anos 60, Mitika relembra que a Medicina Veterinária e a Zootecnia não se constituíam em carreiras profissionais distintas e nem existia o sistema de Conselho Federal/Conselhos Regionais de Medicina Veterinária.

“Basicamente, nesse período, os médicos-veterinários poderiam se direcionar para as atividades profissionais em todas as áreas do currículo de graduação, inclusive a docência. Me lembro que de 35 formandos em 1965, 11 permaneceram na faculdade como docentes, trilhando a carreira acadêmica”, afirma.

Márcia relata que antes dos anos 2000, quando as especialidades ganharam força, as áreas tradicionais já estavam presentes, como clínica e cirurgia de pequenos e grandes animais, produção animal, inspeção e tecnologia de alimentos, saúde pública e atuação na indústria.

“No entanto, na clínica de cães e gatos o trabalho ainda era essencialmente generalista. As especialidades não tinham a estrutura, a visibilidade e nem o grau de organização que possuem hoje”, pontua.

Para ela, essa foi uma evolução necessária para a profissão, visto que as especialidades permitem diagnósticos mais refinados e tratamentos mais atualizados e individualizados.

“A especialização não deve fragmentar o paciente. O especialista precisa desenvolver, e manter, uma sólida formação em clínica médica geral, dialogar com o clínico geral e compreender que as doenças frequentemente coexistem no mes- »

mo paciente. A boa Medicina nasce da cooperação, e não do isolamento ou da competição entre áreas”, afirma.

A importância da base na clínica geral é compartilhada por Rita. A médica-veterinária atua apenas na área de Dermatologia há mais de 20 anos, mas destaca que não existe um bom especialista sem base clínica consolidada. “Seja um bom clínico antes de ser um especialista, não pule etapas”.

Já para Viviani, hoje são vistos profissionais que logo após iniciar a pós-graduação passam a se apresentar e atuar como especialistas mesmo sem a formação clínica e a experiência necessárias.

“Antes de se especializar é fundamental construir uma base sólida, preferencialmente por meio de residência ou treinamento prático supervisionado. Para ser um bom especialista é preciso ser um bom clínico, compreender o paciente como um todo e saber reconhecer problemas que ultrapassam a sua área”, aconselha.

Já Rodrigo comenta que atualmente há uma “pandemia de cursos de pós-graduação”, que em muitos casos surge apenas como um complemento teórico básico do que o médico-veterinário deveria ter aprendido na graduação. “Eu vejo a oferta de cursos de pós-graduação lato sensu de áreas específicas demais, que se confundem com especialidade. Além disso, existem profissionais que saem da graduação mal treinados e acabam buscando uma especialização porque a veem como um trampolim imediato para cobrar mais caro na suposta consulta de especialidade”, cita.

Complementando essa visão, Fabiano de Granville Ponce, médico-veterinário graduado na Universidade de São Paulo (USP), com MBA pela Fundação Dom Cabral, pós-MBA pela Universidade de Oxford e presidente da Comissão de Gestão e Mercado Pet do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo (CRMV-SP), relata que a especialização elevou dramaticamente o teto da Medicina Veterinária e trouxe dois efeitos colaterais que precisam ser discutidos com honestidade: a fragmentação do cuidado e o fator econômico.



“Continuem estudando.”
Mitika Kuribayashi Hagiwara,
médica-veterinária, mestre
e doutora em Saúde Pública

De acordo com o profissional, o paciente pode passar por cinco especialistas e ninguém olhar o animal inteiro. Nesse cenário, o clínico geral, que deveria ser o maestro dessa orquestra, foi desvalorizado, inclusive financeiramente, e é preciso reabilitar o generalista como coordenador de caso, e não como porta de entrada de baixo valor. “Além disso, especialização exige volume. Um veterinário especializado em Oftalmologia não se sustenta em uma cidade de 80 mil habitantes. Isso empurrou a especialidade para os grandes centros e para estruturas maiores, e ajuda a explicar por que hospitais e redes cresceram tanto. A especialização é, em boa medida, um vetor de consolidação do mercado”, afirma.

MELHORIAS EM ESTRUTURA DE TRABALHO. Há alguns anos, a disponibilidade de equipamentos e tecnologias era limitada na Medicina Veterinária. Porém, conforme relata a sócia-fundadora da ABEV, Márcia, os médicos-veterinários de hoje têm acesso a painéis laboratoriais mais amplos,



“Construam uma base clínica sólida. Estudem continuamente, participem de eventos científicos, façam cursos de atualização e se envolvam ativamente em associações de classe e entidades de apoio social. Aprendam a ouvir, a examinar e a raciocinar antes de depender da tecnologia. Atualizem-se continuamente, leiam a literatura especializada e procurem mentores e ambientes que valorizem a ética. Desenvolvam capacidade de comunicação e não tenham pressa em se tornar especialistas: a formação consistente exige estudos, tempo, dedicação, humildade e experiência.” **Márcia Marques Jericó**, médica-veterinária, mestre em Fisiologia e doutora em Clínica Médica

determinações hormonais diversas, marcadores específicos, testes genéticos e moleculares, além de monitorizações seriadas corpóreas diversas.

“A ultrassonografia tornou-se muito mais difundida e qualificada, enquanto a tomografia e a ressonância ampliaram nossa capacidade de localizar e caracterizar lesões. Na terapêutica, surgiram medicamentos mais específicos, terapias-alvo, formulações veterinárias inovadoras, melhores recur-



“Estudem, dediquem-se, cobrem resoluções importantes de seus conselhos de classe e busquem informações de qualidade. Não acreditem em soluções rápidas. Conhecimento e experiência são construídos ao longo do tempo, não queiram encurtar caminhos.”

Rita Carmona, médica-veterinária e mestre em Dermatologia

“Estudem continuamente, valorizem uma boa formação clínica e não esperem que todas as oportunidades cheguem prontas. Aproximem-se de profissionais que admiram, participem de congressos, produzam e compartilhem conhecimento. E cuidem das relações: competência abre portas, mas boas parcerias constroem uma carreira.”

Viviani De Marco, médica-veterinária com residência e mestrado em Clínica Médica, doutorado e pós-doutorado em Endocrinologia

ressonância no mesmo sistema”.

Na Dermatologia, essa evolução também é vista como positiva. “A evolução no tratamento das alergias, por exemplo, foi exponencial nesses últimos anos, especialmente pela chegada de novas medicações que oferecem alívio aos sinais clínicos e mais segurança aos pacientes”, analisa Rita.

Eduardo Pacheco, médico-veterinário, diretor tesoureiro da Associação Brasileira de Hospitais Veterinários (ABHV) e pós-graduando em Gestão de Serviços Hospitalares pela Faculdade Israelita Albert Einstein, afirma que, no que diz respeito às tecnologias, os avanços foram significativos.

Hoje existem hospitais veterinários brasileiros com centros cirúrgicos

bem estruturados, unidades de terapia intensiva, laboratórios, diagnóstico por imagem avançado, atendimento 24 horas e equipes multidisciplinares.

“Houve também uma evolução muito grande na tecnologia de gestão e de informação dos hospitais. Atualmente fazemos uso de sistemas hospitalares mais completos, prontuários eletrônicos, integração entre diferentes setores, armazenamento de exames e informações clínicas, ferramentas de gestão e indicadores que permitem acompanhar melhor toda a operação. Isso traz ganhos importantes tanto para o profissional quanto para o paciente.

Entretanto, para Viviani, a evolução da estrutura física nem sempre é acompanhada pela disponibilidade de profissionais com formação sólida e experiência prática. Essa discussão leva a um questionamento importante: com tantos recursos, os atendimentos veterinários se tornaram mais seguros? Para os profissionais, essa é uma discussão complexa.

A pós-doutora em Endocrinologia afirma que muitas equipes são compostas predominantemente por profissionais jovens, nem sempre acompanhados por uma supervisão experiente, o que pode resultar em insegurança nas condutas, falhas de comunicação e solicitação excessiva de exames.

Com base nisso, Márcia considera que os atendimentos se tornaram mais seguros quando os recursos são usados de forma criteriosa.

“Podemos confirmar hipóteses, detectar complicações, estratificar riscos e monitorar respostas ao tratamento com muito mais precisão. Entretanto, mais tecnologia não substitui o raciocínio clínico. Um dos novos desafios é evitar a solicitação indiscriminada de exames, os achados incidentais e a interpretação de resultados fora do contexto do paciente”, explica.

Rabelo avalia que a disponibilidade de equipamentos e as novas técnicas passaram por cima da evolução da educação. “Por isso, é difícil responder se os atendimentos ficaram mais seguros. De modo geral, sim, eu acredito que, especialmente com o advento dos assis- »

“Estudem continuamente, valorizem uma boa formação clínica e não esperem que todas as oportunidades cheguem prontas. Aproximem-se de profissionais que admiram, participem de congressos, produzam e compartilhem conhecimento. E cuidem das relações: competência abre portas, mas boas parcerias constroem uma carreira.”

Segundo Rabelo, o setor de diagnóstico por imagem foi um dos mais impactados positivamente. “Nós saímos dos equipamentos de raio-x com revelação manual para entrar na radiologia digital com acesso à inteligência artificial, que cruza os dados de ultrassonografia e

tentes clínicos guiados por inteligência artificial, há uma maior segurança. No entanto, ainda falta conhecimento técnico para muitos médicos-veterinários, o que pode prejudicar a conduta dos casos clínicos”, analisa.

Essa discussão é consolidada pela conselheira do CFMV, Mitika. De acordo com ela, o grande problema da atualidade é que os métodos diagnósticos evoluíram, trazendo grandes benefícios na prática clínica, mas há um descompasso entre a aquisição e renovação dos conhecimentos por parte dos profissionais.

“Os médicos-veterinários são colocados diante de novos procedimentos diagnósticos e protocolos terapêuticos e passam a implementá-los sem sequer analisar cuidadosamente sua necessidade. Além disso, os profissionais de hoje não fazem anamnese detalhada e o exame físico completo e já indicam exames laboratoriais e imagens”, destaca.

E A INTERNET? Quando Mitika iniciou suas atividades profissionais, o cão era um animal com a função de proteger a casa e permanecia no quintal. Com a humanização dos pets, hoje eles são considerados membros da família. “Isso faz com que o médico-veterinário não apenas interaja com o paciente, como também com o responsável por ele. Assim, o profissional não deve apenas ter conhecimento essencialmente técnico, como precisa contar com habilidades humanas para se conectar com a família do animal”, analisa.

Essa mudança de cenário também tornou os responsáveis mais preocupados e a internet, em conjunto com as redes sociais, virou fonte de informação.

Rita Carmona afirma que muitos responsáveis já chegam no consultório com diagnósticos prontos que, na maioria das vezes, estão incorretos. Isso está relacionado à desinformação e às crenças na internet, que impactam diretamente a saúde dos pacientes.

Segundo Viviani, essa desinformação, que vem acompanhada de promessas de cura e conteúdos sem respaldo científico, modificou a di-



“O primeiro conselho que dou é: alimenta-se bem, durma bem e faça exercícios. Após cumprir esses três: estude! Ao se formar, busque cursos e treinamentos, que podem te direcionar para a área em que deseja atuar. Também aprenda sobre comunicação e gestão de negócios. Além disso, mesmo que digam que não precisa, lembre-se que conhecimento em inglês e espanhol continua sendo fundamental.”

Rodrigo Rabelo, médico-veterinário, mestre em Medicina Veterinária e doutor em Ciências Veterinárias

nâmica dos atendimentos. “Devido a isso, hoje uma parte importante da consulta passou a ser explicar, contextualizar e ajudar a família a reconhecer fontes confiáveis”, cita.

Porém, nem sempre a facilidade de conseguir informações é negativa. Em alguns casos, ela ajuda os responsáveis a perceberem sinais clínicos precocemente e até participarem de forma mais ativa das decisões médicas.

Na visão de Ponce, antigamente o veterinário detinha o monopólio da informação e o responsável chegava sem saber nada e saía com uma orientação que não seria contestada.

“Hoje, ele chega com um diagnós-



Eduardo Pacheco, médico-veterinário e diretor tesoureiro da Associação Brasileira de Hospitais Veterinários (ABHV)

tico, um grupo de WhatsApp de responsáveis da mesma raça e, às vezes, uma se-

gunda opinião já formada. Isso não é ameaça, é uma mudança de contrato: deixamos de vender autoridade e passamos a vender confiança, que é bem mais difícil de construir e bem mais fácil de perder”, analisa.

Por outro lado, a divulgação ampla de assuntos sem respaldo científico também pode enganar os próprios médicos-veterinários.

“A desinformação não atinge apenas os responsáveis, ela também pode alcançar o médico-veterinário, sobretudo quando opiniões, experiências individuais ou conteúdos promocionais são apresentados como evidência científica. Sem uma avaliação crítica e investigativa das fontes, essas informações podem levar à solicitação desnecessária de exames, a diagnósticos equivocados e à adoção de condutas terapêuticas inadequadas ou potencialmente prejudiciais”, afirma Márcia.

Rodrigo vê esse mesmo problema. Para ele, muitos veterinários colhem informação nas redes sociais e levam para dentro dos consultórios como se fossem estudos clínicos ran-



“Aos que estão em transformação: o cansaço que vocês sentem é real e não é fraqueza. Escolhemos uma profissão que cobra excelência técnica, resistência emocional e competência empresarial, três coisas que raramente moram na mesma pessoa sem esforço deliberado. Peçam ajuda. Estudem gestão sem culpa, porque cuidar do próprio negócio é cuidar do próprio propósito. E não confundam propósito com sacrifício: ninguém cuida bem de vidas alheias enquanto destrói a própria.” **Fabiano de Granville Ponce**, médico-veterinário com MBA pela Fundação Dom Cabral, pós-MBA pela Universidade de Oxford

domizados. “Esse formato de desinformação, com certeza, influencia na qualidade dos atendimentos”, opina.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO. Frente a tantas mudanças, é difícil pensar o que mais pode mudar na Medicina Veterinária nos próximos anos.

O modelo de atendimento mudou, a relação entre responsáveis e pets mudou, a atuação dos médicos-veterinários também mudou. Então, o que esperar? A grande aposta dos veterinários é a expansão da medicina pre-



“Para prosperar no cenário atual, é fundamental que os profissionais busquem a educação continuada, mantenham-se atualizados com as novas tecnologias e regulamentações e engajem-se ativamente com suas entidades de classe para fortalecer a categoria e garantir seus direitos.” **Robson Leporo**, atual presidente do Sindicato dos Médicos Veterinários do Estado de São Paulo (Sindimvet)

ventiva e da inteligência artificial que, de acordo com Mitika, terá um papel transcendental na forma como os profissionais vão atuar profissionalmente.

“A Medicina Veterinária tende a seguir os passos da Medicina, no que se refere à prática clínica individual. À medida que a ciência e a tecnologia evoluem, novos conhecimentos são acrescentados ao que já existe”, cita.

Viviani, por sua vez, acredita que haverá o avanço da Medicina personalizada, da prevenção e do monitoramento contínuo dos pacientes.

“No futuro, vamos ver uma integração cada vez maior entre dados clínicos, exames laboratoriais, genética e inteligência artificial”, afirma.

Para Rodrigo, a inteligência artificial deve se consolidar cada vez mais

como uma ferramenta de auxílio. “A inserção de inteligência artificial na prática clínica já está muito clara e tem potencial de expandir. Por mais que as IAs estejam presentes, o próximo passo é investir em tecnologias específicas para a profissão e saber usá-las de forma ética e profissional”, destaca.

Márcia, por sua vez, acredita que a Medicina Veterinária irá caminhar para uma Medicina mais preventiva, preditiva, personalizada e integrada.

“A inteligência artificial, sem dúvida, deverá apoiar a organização de prontuários, a interpretação de imagens e dados laboratoriais, a triagem e a busca de evidências, sempre sob supervisão profissional. Dispositivos vestíveis poderão acompanhar atividade física, sono, atividade cardíaca, pressão arterial, glicose corpórea e outros parâmetros no ambiente domiciliar. Teleconsultas e telemonitoramentos devem complementar, mas não substituir, o exame presencial. Também crescerão a genômica, a nutrigenômica, a farmacogenômica, a medicina regenerativa, a cirurgia guiada por imagem e os testes realizados próximos ao paciente”, diz.

Ainda para a profissional, a abordagem de Saúde Única ganhará ainda mais importância, especialmente diante das zoonoses, da resistência antimicrobiana e das mudanças ambientais. “Outra transformação essencial será ampliar o acesso a cuidados de qualidade, porque o progresso científico só se torna completo quando pode beneficiar um número maior de animais e famílias. Desta forma, os serviços públicos de saúde animal devem ser encorajados, desde que embasados pela ética e interesse social”, afirma.

Já Rita espera que o uso bem feito da inteligência artificial auxilie de forma exponencial no diagnóstico e nos procedimentos terapêuticos.

“Porém, eu sonho com a melhoria no ensino das faculdades, pois sem uma boa base clínica dos médicos-veterinários, de nada adiantará o uso de tecnologia”, pontua.

Fabiano, por sua vez, imagina uma rotina com menos digitação, menos tarefa administrativa e mais tem- ➤

po de conversa, porque a documentação clínica estará automatizada.

“Também penso que existirá uma estrutura de mercado mais polarizada. De um lado, redes grandes e hospitais integrados. De outro, práticas pequenas, autorais e de nicho, com identidade forte. O meio-termo genérico, a clínica média que faz de tudo razoavelmente, é o que tende a desaparecer”, destaca.

UM OLHAR PARA O MERCADO VETERINÁRIO. Segundo Ponce, a alteração no perfil dos responsáveis criou uma mudança natural na demanda por serviços veterinários, que altera não apenas o investimento como o critério de decisão.

Para ele, um responsável que enxerga o animal como propriedade, decide por custo. Um responsável que enxerga o animal como filho, decide por prognóstico. Esses são dois mercados completamente diferentes, que permitiram a ampliação das especialidades e a disseminação de tecnologias.

Frente a esse cenário, excelência técnica virou pré-requisito, não diferencial, e faz com que os médicos-veterinários tenham que entender a importância de conhecimentos sobre gestão de negócios para ter uma clínica bem-sucedida. “A maioria absoluta das clínicas veterinárias brasileiras quebra ou define não por erro médico, mas por erro de gestão. Uma Medicina boa sem gestão boa é um projeto com data de validade”, pontua.

Essa mesma visão é compartilhada por Pacheco. Para ele, após um avanço importante em qualidade técnica, especialização, tecnologia e na própria estrutura dos hospitais veterinários, surgiram novos desafios. “São eles: profissionalização da gestão, valorização das equipes, sustentabilidade financeira dos hospitais e adaptação às novas expectativas dos profissionais e dos responsáveis. Por isso, eu digo que esse é um momento de muitas oportunidades, mas também de necessidade de organização e amadurecimento do setor”, afirma.

Diante desse cenário é importante falar sobre o empreendedoris-

mo na Medicina Veterinária. Conforme relata Robson Leporo, atual presidente do Sindicato dos Médicos Veterinários do Estado de São Paulo (Sindimvet), o movimento empreendedor é visto de forma positiva e como reflexo do dinamismo da profissão e do crescimento do setor pet.

“O aumento do número de clínicas, hospitais, laboratórios e serviços especializados, muitos deles criados por médicos-veterinários, demonstra a capacidade da categoria de inovar e visualizar novas oportunidades de negócio. Esse movimento contribui para a geração de empregos e renda”, diz.

Também permite que os médicos-veterinários tenham maior controle sobre sua carreira e a forma como desejam atuar.

REMUNERAÇÃO E BOAS CONDIÇÕES DE TRABALHO. Ainda hoje a baixa remuneração e as condições ruins de trabalho são temas que fazem parte da rotina dos profissionais da área e não podem ser ignorados.

Fabiano destaca que um dos motivos para isso é a ampla oferta de profissionais. “Estamos formando profissionais numa escala que nenhum mercado do planeta absorve com qualidade. Isso produz três pressões: salário de entrada achatado impulsionado pelo excesso de oferta, que derruba o preço do trabalho; consolidação de redes, hospitais e grupos com capital que compram, integram e padronizam, gerando menos empregos formais; e guerra de preço no varejo do serviço”, avalia.

Dessa forma, segundo Eduardo, um dos desafios atuais é encontrar um equilíbrio entre a intensidade da atividade assistencial e condições de trabalho que sejam sustentáveis no longo prazo. “Hoje precisamos olhar não apenas para remuneração, mas também para jornada, dimensionamento das equipes, estrutura adequada, segurança, desenvolvimento profissional, liderança e qualidade das relações dentro do ambiente de trabalho”, explica.

Com base nisso, a valorização profissional precisa ser enten-

dida de maneira ampla. Ela envolve remuneração, mas também ambiente adequado, segurança, estrutura, respeito às responsabilidades profissionais e condições para que o médico-veterinário consiga exercer uma Medicina de qualidade.

VÁRIAS FRENTES

Citando a iniciativa privada, quem está à frente da gestão de hospitais e clínicas veterinárias deve atuar em várias frentes:

- › Dimensionamento adequado das equipes;
- › Escalas equilibradas;
- › Períodos de descanso;
- › Protocolos bem definidos;
- › Organização dos fluxos de trabalho;
- › Lideranças preparadas para identificar sinais de sobrecarga.

“Também considero fundamental oferecer apoio psicológico estruturado às equipes. Ter uma equipe de psicólogos disponível pode ajudar tanto no acolhimento individual quanto na prevenção do esgotamento profissional e no desenvolvimento de ferramentas para lidar melhor com essas pressões”, pontua Pacheco.

Para Leporo, a luta por melhores remunerações e condições de trabalho não deve parar. “Devemos seguir lutando por melhores salários, condições de trabalho dignas e reconhecimento da importância social da Medicina Veterinária. É fundamental atuarmos para garantir que novas leis e regulamentações sejam favoráveis à categoria, protegendo o exercício profissional e promovendo o desenvolvimento da área”, finaliza. ■



FEBRE MACULOSA: CÃO PROTEGIDO, FAMÍLIA PROTEGIDA

NEXGARD SPECTRA® ATUA COMO ALIADO NA PREVENÇÃO CONTRA CARRAPATOS, CONTRIBUINDO PARA REDUZIR A EXPOSIÇÃO DOS PETS AO PARASITA DA DOENÇA

► **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

A febre maculosa é uma zoonose de grande importância para a saúde pública, que pode evoluir para quadros graves e chegar a 80% de mortalidade em pessoas não tratadas.

No Brasil, a forma mais severa da doença está relacionada à bactéria *Rickettsia rickettsii*, transmitida pela picada de carrapatos infectados, principalmente do gênero *Amblyomma*, conhecidos popularmente como carrapato-estrela.

André Cutolo, médico-veterinário e Gerente Técnico da Boehringer Ingelheim, explica que os primeiros sinais da febre maculosa podem aparecer entre dois e 14 dias após a picada de um carrapato infectado.

“Os sintomas mais comuns são febre, dor no corpo, dor de cabeça intensa e manchas avermelhadas na pele. Também podem ocorrer náusea, vômito e diarreia. Por apresentar sintomas presentes em outras doenças, como dengue, leptospirose, meningite e malária, é fundamental que a possibilidade de exposição a carrapatos seja informada ao médico”, destaca.

CÃES NO CICLO EPIDEMIOLÓGICO. Por mais que os cães não tenham papel direto na transmissão da enfermidade, eles podem participar do ciclo epidemiológico ao carregar carrapatos infectados para o ambiente doméstico.

André destaca que isso pode acontecer quando o animal circula por locais com presença de cavalos, capivaras e vegetação, como pastos, gramados, pesqueiros, beiras de lagos, rios, bosques e áreas de mata nativa. “Depois de ser parasitado por um carrapato, o cão pode transportá-lo para dentro da residência ou para áreas próximas à casa, aumentando a possibilidade de o parasita en-

trar em contato com as pessoas”, explica.

Esse transporte também pode acontecer por meio das roupinhas e coleiras. Por isso, o controle dos ectoparasitas deve fazer parte da rotina de cuidados durante todo o ano, e não apenas em períodos de maior ocorrência.

“O NexGard SPECTRA® faz parte da estratégia de prevenção parasitária da Febre Maculosa porque reúne proteção contra diferentes grupos de parasitas. Sua atuação inclui pulgas, carrapatos, sarnas e, ainda, vermes gastrointestinais e a dirofilariose, conhecida como verme do coração”, cita.

No entanto, segundo o Gerente Técnico da Boehringer Ingelheim, o controle dos carrapatos não deve ser realizado de forma isolada. “Ele deve estar associado à inspeção do animal, aos cuidados com o ambiente e à orientação dos responsáveis dentro dos consultórios. Inclusive, vale destacar, que NexGard SPECTRA® atua contra os carrapatos vetores, e não contra a febre maculosa em si, reforçando a importância de diferentes estratégias para prevenção”, finaliza. ■



André Cutolo, médico-veterinário e Gerente Técnico da Boehringer Ingelheim



DO AMOR AOS ANIMAIS AO COMPROMISSO COM REGRAS PROFISSIONAIS

O OLHAR ATENTO AO CÓDIGO DE ÉTICA
DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS PREVINE PUNIÇÕES
E É **ALICERCE DA CONFIANÇA SOCIAL**

» EVELYNNE HILDEGARD MARQUES DE MELO
E THIAGO MATTOS DA SILVA

Ao graduar-se em Medicina Veterinária e registrar-se no Conselho de Classe, o profissional é reconhecido publicamente como detentor de conhecimento técnico. Mas, sua atuação depende de um regramento oficial que define direitos, deveres e condutas obrigatórias.

O Código de Ética do Médico-Veterinário, instituído por Resolução do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), constitui norma deontológica de observância obrigatória, pois é uma norma jurídica e serve de base para um sistema com regras, fiscalização, julgamentos e sanções no âmbito profissional.

Evidenciando-se que existe um compromisso ético e jurídico firmado com a sociedade, este artigo parte do questionamento: de quais elementos o compromisso profissional depende para que seja cumprido?

Não se trata somente de conhecimento técnico e tampouco de conhecer a letra fria das normas. Independentemente das crenças, valores e princípios individuais, o médico-veterinário deve conformar sua atuação às regras profissionais, que têm função de alicerce da confiança

social e o primeiro passo é conhecer seu Código de Ética profissional.

Este artigo propõe como objetivo geral refletir sobre o compromisso ético do Médico-veterinário no Brasil, discutindo a indissociabilidade entre a identidade social do sujeito e as obrigações normativas da profissão.

COMO OBJETIVOS ESPECÍFICOS PRETENDE:

- 1.** Resgatar conceitos básicos da identidade social: princípios, valores, moral, bons costumes, compromisso e ética;
- 2.** Debater a convergência entre a dimensão subjetiva individual do veterinário e o compromisso social formalizado em seu Código de Ética profissional.

METODOLOGIA

Trata-se de abordagem interdisciplinar. O compromisso profissional aqui descrito é extraído da Resolução CFMV nº 1.138, de 16 de dezembro de 2016. O resgate de conceitos básicos da dimensão subjetiva individual é extraído das bases filosóficas de Aristóteles, Kant, Rousseau, Nietzsche e Sartre.

A observância do Código de Ética é condição indispensável para o exercício da profissão. Trata-se de norma deontológica de observância obrigatória, positivada por ato normativo do CFMV e integrada ao regime jurídico-disciplinar da profissão, que contém os principais compromissos voltados à boa prestação de serviços à sociedade.

Antes de refletir sobre a mescla da identidade social e as obrigações normativas da profissão, necessário é conhecer o Código e destacar aqui os compromissos:

1 O CÓDIGO DE ÉTICA DO MÉDICO-VETERINÁRIO POSSUI 14 CAPÍTULOS, ESTABELECENDO UM ORDENAMENTO DEONTOLÓGICO QUE REGULA OS PRINCÍPIOS, DEVERES E DIREITOS DA PROFISSÃO

Sua força normativa disciplina a conduta profissional, a responsabilidade técnica, os honorários e as relações profissionais, além de estabelecer infrações e parâmetros para a aplicação de sanções ético-disciplinares.

Os Princípios Fundamentais destacados no Código prezam pelo zelo, pela dignidade e pelo bem-estar animal, humano e ambiental. Dentre os deveres, estão o aprimoramento contínuo, a transparência, a denúncia de irregularidades e o respeito à legislação.

O Código assegura, dentre os direitos, a liberdade de prescrição, a escolha de clientes e o direito ao desagravo público. São pontuadas vedações, responsabilidade por atos praticados com dolo ou culpa, compromisso com o sigilo das informações no trato com clientes e relações com a Justiça.

O médico-veterinário tem o dever de conhecer as normas que regulamentam o exercício da profissão (artigo 17, inciso I), exigência que se relaciona diretamente ao compromisso profissional assumido perante a sociedade e às saúdes animal, humana e ambiental.

2 ELEMENTOS QUE CONSTRUEM A DIMENSÃO SUBJETIVA INDIVIDUAL DO VETERINÁRIO E INFLUENCIAM NO COMPROMISSO SOCIAL FORMALIZADO EM SEU CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL

2.1- PRINCÍPIOS. Derivado do latim *principium*, que significa "início" ou "origem", o termo refere-se às regras gerais que a razão prática impõe à vontade para orientar as ações humanas. É como dizer o que orienta a conduta humana como um dever universal¹.

2.2 - VALORES. Uma vez construído, é o que orienta as escolhas, os julgamentos e as ações humanas. Para alguns autores, são criações históricas e culturais que servem aos interesses de poder de determinados grupos. São como ferramentas que os seres humanos usam para interpretar e dominar a realidade. Portanto, não existe um valor em si, mas sim o valor que nós atribuímos às coisas a partir de uma perspectiva².

2.3 - MORAL. Funciona como o código que dita o que é "certo" ou "errado", "permitido" ou "proibido" no cotidiano de uma comunidade. »

Refere-se ao conjunto de regras, normas, tabus e proibições estabelecidos por uma determinada cultura ou grupo humano em um período histórico.

É algo que só se consolida quando o indivíduo deixa de olhar apenas para seus desejos e passa a guiar suas ações pela Vontade Geral (o bem comum). É mais forte do que as leis e códigos; é a força invisível que mantém o pacto social vivo e impede a corrupção do Estado³.

Nietzsche (1844–1900) a descreve como uma ferramenta de sobrevivência e domínio, o que significa que as normas morais mudam conforme as necessidades históricas das culturas.

2.4 - BONS COSTUMES. Do latim, *boni mores*, remete ao conjunto de hábitos e normas práticas, partilhados por determinada sociedade em uma época específica, que contribuem para a coesão social.

Para Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), estão diretamente ligados ao "hábito" ou à prática repetida que constrói algo. Os costumes antecedem e sustentam as leis escritas. Uma sociedade com "maus costumes" não consegue manter leis⁴.

Além das leis políticas, civis e criminais, existe uma quarta categoria de leis: os costumes. Esta força invisível reanima ou substitui leis que envelhecem⁵.

2.5 - COMPROMISSO. É o ato pelo qual um indivíduo vincula sua liberdade a uma escolha, a um projeto, a um valor ou a outrem, assumindo a responsabilidade pelas consequências dessa decisão. É uma auto-obrigação em nome de uma fidelidade a si mesmo ou a um coletivo. Para Sartre (1905–1980), o compromisso é a consequência inevitável da própria liberdade humana. O homem é obrigado a se construir por meio de suas escolhas⁶.

2.6 - ÉTICA. Do grego *ethos*, que significa "caráter" ou "modo de ser". Enquanto a moral trata das regras culturais e cotidianas de comportamento, a ética é a reflexão teórica, racional e crítica sobre essas regras.

Ela investiga o que é o "bem", o que torna uma ação justa. Na perspectiva kantiana observada aqui, a ética assume caráter deontológico, ou seja, baseado estritamente no dever e na racio-

nalidade. É uma ação praticada puramente por respeito ao dever, e não por interesse, medo ou inclinação pessoal⁷.

Tradicionalmente, o princípio da Medicina Veterinária originou-se na produtividade do agronegócio, seguida pela importância zoonosológica. Atualmente, incluem-se o bem-estar animal, o reconhecimento das famílias multiespécie e os princípios da não-maleficência e da beneficência para garantir a dignidade do paciente animal.

A maturidade profissional ao superar os estágios do "amor aos animais" para o "atuar no regimento profissional" representa a transição do "eu acho" para o "eu devo"; e neste artigo foi abordada à luz de três referenciais filosóficos: o Contrato Social (Rousseau), a Deontologia Universal (Kant) e o Compromisso Existencial (Sartre).

Assim descrito, ao decidir ingressar na profissão, o indivíduo celebra um "contrato social" com o Estado e com a sociedade, esta por meio do ordenamento jurídico, reconhece aos médicos-veterinários competências profissionais específicas e lhes reserva determinadas atividades relacionadas à saúde animal e à saúde pública.

Em contrapartida, exige que o exercício profissional observe padrões técnicos, éticos e jurídicos destinados à proteção da coletividade.

O Código de Ética⁶ representa a vontade Geral da classe Médico veterinária. O profissional que tenta impor sua "vontade particular" (sua visão de mundo individual) para descumprir a norma, rompe em sentido ético e institucional, o compromisso inerente ao exercício de uma profissão regulamentada.

Uma interpretação importante é a de Kant, que demonstra que uma regra só é correta se puder ser universalizada. Se universalizarmos a premissa "*cada veterinário segue sua própria cabeça e ignora o código*", a confiança pública na Medicina Veterinária desaparece.

O Código de Ética estabelece um padrão comum de conduta profissional, reduzindo a influência das diferentes visões individuais sobre comportamentos cuja observância é exigida no exercício da profissão.

Outra reflexão de interesse vem de Jean-Paul Sartre (1905–1980), por meio do conceito de compromisso e

responsabilidade no existencialismo; ou seja, o ato de se inscrever no Conselho Regional (CRMV) e assinar o termo profissional é um ato de liberdade.

Ao exercer a liberdade de escolher ser Médico-veterinário, o sujeito assume as responsabilidades inerentes à profissão. No plano jurídico, sua vinculação às regras profissionais disciplinam seu exercício.

CONCLUSÃO

No homem reside a liberdade de escolha em ser Médico-veterinário, e ao fazê-lo, assume um pacto de compromisso com a profissão. O Código de Ética é uma norma jurídica e concretiza deveres assumidos perante a profissão e a sociedade.

Sua observância independe da concordância filosófica individual do profissional e sua conduta deve conformar-se aos padrões éticos e jurídicos estabelecidos para proteger a coletividade. Por isso, a compreensão do Código não deve ser reduzida à preocupação com sanções. Conhecê-lo é compreender o espaço de liberdade, os limites e as responsabilidades que acompanham a profissão.

O compromisso ético começa onde o conhecimento técnico encontra a responsabilidade social — e é dessa convergência que se fortalece a confiança pública no Médico-veterinário. ■

Referências:

- 1 KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).
- 2 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: um escrito polêmico*. Tradução e notas Renato Zwick-Porto Alegre (RS): L&P, 2019.
- 3 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social: princípios do direito político*. Tradução de Guilherme de Almeida. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- 4 ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Edson Bini. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.
- 5 SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista de Moraes Neto. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- 6 BRASIL. Conselho Federal de Medicina Veterinária – CFMV. Resolução CFMV nº 1.138, de 16 de dezembro de 2016. Aprova o Código de Ética do Médico Veterinário. <https://www legisweb.com.br/legislacao/?id=336396>

Evelynne Hildegard Marques de Melo, médica-veterinária e doutora em Sociedade, Tecnologia e Políticas Públicas (UNIMA-AL)
Thiago Mattos da Silva, advogado pós-graduado em Direito Tributário (IBET)

Hoje é o dia

de homenagear quem cuida, protege e transforma
vidas com amor e dedicação

Aos veterinários,
nosso agradecimento
por cuidarem tão bem
de quem faz parte
da nossa família.



Feliz *Dia* do Veterinário!



Cuidado
com amor



Dedicação
que transforma
vidas



Parceria
em cada
história



Profissionais
que merecem
todo respeito



A longevidade dos cães e gatos redefine o cuidado com a saúde animal

Cães e gatos vivem mais do que em qualquer geração anterior. Uma revisão publicada em outubro de 2025 no *Journal of Veterinary Science* observa que animais que antes raramente passavam do início da adolescência hoje alcançam com frequência o fim dela, e parte deles chega aos vinte anos.

A *HealthforAnimals*, entidade que reúne a indústria global de saúde animal, enquadra essa evolução em um intervalo mais amplo. Segundo a entidade, a expectativa de vida dos pets praticamente dobrou nas últimas quatro décadas, impulsionada por vacinação, melhor nutrição, diagnósticos mais precisos e tratamentos mais eficazes.

Com a maior longevidade, cresce também a presença das doenças crônicas, que passam a ocupar parte importante da rotina veterinária.

Assim como acontece com as pessoas, o envelhecimento dos animais aumenta a incidência de enfermidades que exigem acompanhamento contínuo. A própria *HealthforAnimals* associa à idade avançada um conjunto de condições como câncer, doenças hepáticas, diabetes, problemas articulares e declínio cognitivo.

Diferentemente das doenças agudas, essas condições não se resolvem em uma única consulta. Elas demandam monitoramento frequente, ajustes no tratamento e uma atuação conjunta entre o médico-veterinário e a família ao longo de toda a vida do animal.

Esse cenário empurra a Medicina Veterinária na direção da prevenção. De acordo com a *HealthforAnimals*, o setor deixou de apenas tratar as doenças quando elas aparecem e passou a trabalhar para evitá-las, com o apoio de planos de saúde para pets e do acompanhamento periódico.

A lógica acompanha a da saúde humana.

Quanto mais cedo uma alteração é identificada, maiores são as chances de controlar a doença e preservar a qualidade de vida do animal.

No Brasil, o tema ganha peso pelo tamanho do mercado. O país tem a segunda maior população de cães e gatos do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, de acordo com o Radar Pet, estudo da Comissão de Animais de Companhia (Comac), do Sindan.

O mesmo levantamento aponta uma preocupação crescente dos responsáveis com o envelhecimento dos pets, ainda descolada da frequência de visitas ao veterinário. É sobre essa distância entre a intenção e a prática que o cuidado preventivo precisa avançar.

O sucesso no manejo das doenças crônicas depende diretamente da adesão ao tratamento. A administração correta dos medicamentos, os retornos periódicos e o acompanhamento da evolução clínica só funcionam quando há parceria entre o profissional e quem convive com o animal no dia a dia.

Do lado da indústria, a demanda por tratamentos de uso prolongado orienta o desenvolvimento de medicamentos mais seguros para administração contínua, de formulações que facilitam a rotina de cuidado e de ferramentas que apoiam o monitoramento dos pacientes.

No fim, o crescimento das doenças crônicas reflete uma conquista. Os pets estão vivendo mais, e o desafio passa a ser assegurar que esse tempo adicional venha com qualidade de vida, com prevenção, diagnóstico precoce e acompanhamento contínuo incorporados à rotina veterinária.

Clínicas, hospitais, indústria e responsáveis cuidam do mesmo animal em momentos diferentes, e a integração entre eles é o que sustenta o bem-estar de uma população que vive mais a cada ano. ■

Gabriela Mura
é diretora de
mercado e assuntos
regulatórios do
Sindan

LANÇAMENTOS

Convless®

1º PRIMEIRO
FENOBARBITAL
PARA USO VETERINÁRIO.

A escolha de confiança para o controle das crises convulsivas em cães.



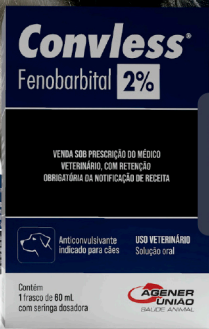
Produto com a qualidade e segurança Agener.



Apresentação prática com seringa dosadora.



Desenvolvido especialmente para uso veterinário.



Conheça o
Convless®
Escanee o QR Code
e saiba mais.

INOVAÇÃO **AGENER.** MAIS SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA PARA OS PETS.

Oralclic®

Cuidado que aproxima!

Higiene oral prática no dia a dia do seu pet.

Solução completa para **cães e gatos**, que facilita a rotina e promove mais saúde.



Spray de aplicação prática e rápida no dia a dia.



Gel de ação prolongada para maior eficácia.



Segurança e praticidade para todas as idades.



Conheça o
Oralclic
Escanee o QR Code
e saiba mais.

Agener: contribui com o cuidado do planeta e dos pets abandonados.



Aponte a câmera do celular e saiba mais sobre o portfólio da Agener.

Siga [agener.official](https://www.instagram.com/agener.official)

www.agener.com.br - SAC: 0800 701 1799

Consulte sempre um Médico Veterinário.



PRIMAVERA: GATILHOS À FLOR DA PELE

MUDANÇAS DA ESTAÇÃO PODEM ELEVAR A EXPOSIÇÃO A **ALÉRGENOS, ECTOPARASITAS E MICRORGANISMOS**, EXIGINDO ATENÇÃO AO DIAGNÓSTICO E AO MANEJO DERMATOLÓGICO

» **STÉFANI CAMPOS CHAGAS**

stefani@dc7comunica.com.br

A primavera é uma das estações mais desafiadoras para a saúde dermatológica de cães e gatos. O aumento das temperaturas, as alterações de umidade, o crescimento da vegetação, a maior circulação de pólen e condições favoráveis aos ectoparasitas elevam a pressão sobre pacientes com predisposição alérgica ou barreira cutânea comprometida.

Segundo a médica-veterinária Tatiane Evangelista, que atua na área de Dermatologia, Alergologia e Otologia Veterinária, a estação não necessariamente provoca uma nova doença, mas pode revelar uma fragilidade já existente.

“O problema acontece quando começamos a somar fatores: maior exposição aos alérgenos, picada de pulga, alteração da barreira cutânea e

proliferação de *Malassezia* ou bactérias, por exemplo. Em determinado momento, esse paciente ultrapassa seu limiar e entra em crise”, explica.

A recorrência dos sinais na mesma época do ano deve ser valorizada na anamnese e pode ajudar a antecipar crises.

ALÉRGENOS E MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS.

Pólenes de gramíneas, árvores e outras plantas, ácaros ambientais, fungos e seus esporos estão entre os agentes que podem ganhar relevância na primavera. As pulgas também merecem atenção.

A importância de cada alérgeno varia conforme região, clima, ambiente e sensibilização individual. Assim, prurido sazonal não deve ser automaticamente associado à alergia a pólen.

Entre as doenças que podem se manifestar ou piorar na estação estão a



dermatite atópica, as dermatopatias alérgicas felinas e a dermatite alérgica à picada de pulgas. Em pacientes atópicos, a sazonalidade pode ser evidente, embora os sinais possam se prolongar ao longo do ano com a evolução da doença.

Nos cães, a dermatite atópica pode desencadear prurido em face, patas, espaços interdigitais, axilas e pavilhões auriculares, além de ter associação com otite externa.

Nos gatos, a apresentação pode incluir alopecia autoinduzida, dermatite miliar, complexo granuloma eosinofílico e prurido em cabeça e pescoço. Esses padrões não definem, isoladamente, a causa.

Já na alergia à picada de pulgas, a ausência de infestação visível não exclui o diagnóstico. “Um paciente sensibilizado não precisa estar coberto de pulgas. Poucas picadas podem ser suficientes para desencadear uma crise importante”, ressalta Tatiane.

PELE E OUVIDO NO MESMO PROCESSO. O aumento de temperatura e umidade pode modificar o microambiente cutâneo e otológico. Em uma barreira comprometida, inflamação e alterações da microbiota podem favorecer a proliferação de *Staphylococcus pseudintermedius* e *Malassezia spp.*, contribuindo para a manutenção do prurido e da inflamação.

A repercussão também chega aos ouvidos. “A orelha é pele. Uma otite externa recorrente não deveria ser encarada simplesmente como ‘mais uma infecção de ouvido’”, afirma.

No paciente alérgico, a otite pode ser uma manifestação da doença dermatológica. Tratar apenas bactérias ou leveduras sem investigar por que o ouvido adoece repetidamente pode deixar a causa primária sem controle.

DIAGNÓSTICO ALÉM DA SAZONALIDADE. Diante da piora do prurido na primavera, a ava-

liação deve considerar a distribuição das lesões e o histórico. Eritema, escoriações, alopecia autoinduzida, hiperpigmentação, liquenificação, descamação, odor e otites recorrentes também devem ser investigados.

Os diferenciais incluem ectoparasitoses, dermatite alérgica à picada de pulgas, reação adversa ao alimento, dermatite atópica, infecções bacterianas e por leveduras e dermatofitoses.

“Prurido na primavera não é diagnóstico de dermatite atópica. O diagnóstico de atopia é clínico e depende de histórico compatível e exclusão criteriosa de outras causas”, cita a veterinária.

A citologia cutânea e otológica é simples, rápida e pode orientar a conduta. Raspados cutâneos, tricograma e investigação de dermatófitos podem ser indicados conforme o caso.

Já quando há suspeita de reação adversa ao alimento, a investigação deve incluir dieta de eliminação adequada e posterior provocação alimentar.

Testes intradérmicos e pesquisa de IgE alérgeno-específica não estabelecem, isoladamente, o diagnóstico de dermatite atópica. Após o diagnóstico clínico, podem auxiliar na identificação de alérgenos relevantes.

MANEJO DEVE SER MULTIMODAL. O controle dos quadros sazonais exige abordagem individualizada. O plano pode envolver controle de ectoparasitas, tratamento das infecções secundárias, manutenção da barreira cutânea, terapia tópica e controle do prurido e da inflamação quando necessário.

Para pacientes selecionados, a imunoterapia alérgeno-específica pode integrar o manejo de longo prazo.

No ambiente, higienização adequada, lavagem periódica de camas e tecidos, controle da umidade e redução da exposição aos alérgenos identificados podem diminuir a carga de estímulos.

Em alguns pacientes, a higienização suave das patas após os passeios também pode ser considerada.

O objetivo do manejo não é eliminar completamente os alérgenos, mas ajudar o animal a permanecer abaixo do limiar de prurido.

O controle de pulgas deve fazer parte da estratégia de base do pacien-



Tatiane Evangelista é médica-veterinária, formada pela PUC Minas com mais de 20 anos de experiência clínica

te alérgico, e não apenas ser adotado durante as crises. Como grande parte do ciclo do ectoparasita ocorre no ambiente, a abordagem pode envolver o animal, contactantes e medidas ambientais quando necessárias.

ANTECIPAR A CRISE. Para pacientes com histórico de piora sazonal, a primavera deve ser planejada antes da instalação da crise. Revisar o controle de ectoparasitas, avaliar a barreira cutânea, examinar os ouvidos, realizar citologia quando indicada e ajustar o plano terapêutico podem contribuir para reduzir as manifestações.

A orientação aos responsáveis também é estratégica. Lambadura mais frequente das patas, coceira nas orelhas, eritema, alteração de odor ou início de otite podem representar os primeiros sinais de uma nova crise.

“Não devemos esperar o paciente entrar em crise para começar a agir. Se sabemos que ele piora nessa época, podemos nos antecipar”, reforça Tatiane.

A abordagem preventiva transforma um padrão sazonal previsível em oportunidade de intervenção antecipada. Mais do que interromper o prurido quando já está intenso, o objetivo é reduzir a frequência, duração e intensidade das crises ao longo da vida do paciente. ■

O QUE A NUTRIÇÃO TEM A VER COM A RENOVAÇÃO DA PELAGEM?

DURANTE A TROCA DE PELOS, NUTRIENTES ENVOLVIDOS NA SÍNTESE PROTEICA E NO METABOLISMO CELULAR PODEM DAR SUPORTE À FORMAÇÃO DA NOVA PELAGEM

O aumento da quantidade de pelos no ambiente é uma queixa frequente no consultório veterinário. Em muitos casos, porém, não se trata de uma perda anormal, mas de um processo fisiológico de renovação da pelagem.

A intensidade e a duração dessa troca podem variar de acordo com fatores como fotoperíodo, temperatura, genética e características do manto.

Embora os pelos espalhados pela casa sejam a manifestação mais perceptível para o responsável, esse processo não se resume à eliminação dos fios antigos: paralelamente, os folículos pilosos trabalham na produção daqueles que irão substituí-los.

“A formação dos novos fios envolve síntese proteica e diferentes vias metabólicas. É a partir desse mecanismo que podemos compreender como a nutrição e a suplementação podem contribuir durante os períodos de renovação da pelagem”, explica Lucas Piza, médico-veterinário e gerente de produtos da Avert Biolab Saúde Animal.

A relação começa pela própria composição do pelo. A haste pilosa é formada predominantemente por queratina, proteína rica em aminoácidos sulfurados. Entre eles, a cisteína participa da formação das pontes dissulfeto, ligações que contribuem para a estabilidade e a resistência da fibra.

A cistina, originada pela união de duas moléculas de cisteína, também está relacionada à estrutura da que-

ratina e pode integrar estratégias de suplementação voltadas à pelagem.

A produção de um novo fio, no entanto, não depende apenas da disponibilidade de aminoácidos. O processo ocorre a partir da atividade das células do folículo piloso e exige energia, síntese de proteínas e o funcionamento adequado de diferentes vias metabólicas.

Nesse contexto, as vitaminas do complexo B exercem funções complementares. O ácido pantotênico integra a coenzima A, envolvida em diversas reações do metabolismo celular, enquanto a tiamina participa de processos relacionados à produção de energia.

Derivados de leveduras podem contribuir, ainda, para o aporte de aminoácidos e vitaminas desse complexo.

A atuação conjunta desses nutrientes ajuda a compreender por que a suplementação pode ser considerada durante períodos de maior renovação. Sua função não é interromper a queda fisiológica dos fios, mas oferecer suporte nutricional ao organismo enquanto a nova pelagem é formada.

“Na prática, a suplementação não tem como objetivo interromper a troca fisiológica, mas fornecer nutrientes que participam da síntese e do metabolismo necessários à formação dos novos fios. A escolha da estratégia deve ser individualizada, considerando as características da pelagem, a intensidade da renovação e as necessidades de cada paciente”, conclui Lucas. ■





SEU PET COM ✨

PELOS FORTES

✨ DA CABEÇA ÀS PATAS



Avert
BIOLAB SAÚDE ANIMAL

Onde
Encontrar



SAC 0800 941 5566
www.avertsaudeanimal.com.br
@avertsaudeanimal

biolab
FARMACÊUTICA

CANETAS EMAGRECEDORAS: REALIDADE NA ROTINA VETERINÁRIA?

» THAIS XIMENES, MONIQUE PALUDETTI
E ERIKA PEREIRA

Nos últimos anos, o uso de agonistas GLP-1 vem se tornando cada vez mais conhecido e popular na Medicina Humana, principalmente associado à novas perspectivas no tratamento de diabetes e obesidade podendo, em alguns casos, reduzir ou postergar a necessidade de intervenções mais invasivas, como a cirurgia bariátrica⁽¹⁾.

O chamado efeito incretina, descrito na década de 1960, refere-se ao fenômeno pelo qual a ingestão oral de glicose provoca uma resposta de secreção de insulina maior do que a observada após a administração intravenosa de uma quantidade equivalente de glicose, mesmo quando os níveis de glicemia são semelhantes. Esse efeito é mediado principalmente pelo polipeptídeo insulinotrópico dependente de glicose (GIP) e pelo pep-

tídeo semelhante ao glucagon tipo 1 (GLP-1), hormônios incretínicos produzidos pelo trato gastrointestinal, que encontram-se reduzidos em indivíduos com diabetes mellitus tipo 2^(1,2).

Além do aumento da secreção de insulina e da supressão do glucagon, as ações do GLP-1 incluem retardo do esvaziamento gástrico e indução de saciedade. Com isso, esses agentes vêm sendo cada vez mais estudados principalmente no que diz respeito ao tratamento de diabetes felina, que se assemelha à diabetes humana tipo 2^(2,3).

Nos gatos, a obesidade crônica é um dos principais fatores associados ao desenvolvimento do diabetes mellitus, através de resistência insulínica persistente, glicotoxicidade e disfunção progressiva de células beta pancreáticas que, eventualmente, passam a deixar de produzir insulina de forma eficiente^(4,5).

Em trabalhos anteriores que es-



tudaram a população de gatos obesos nos Estados Unidos e na Inglaterra, observou-se uma prevalência de 20-40% de obesidade^(6,7) ao passo que em estudo conduzido no Brasil indicou uma população de 36% de gatos obesos na população estudada⁽⁸⁾.

Esses dados reforçam a importância de inovações quanto ao manejo da obesidade nos felinos.

Além da redução de apetite que facilita o processo de perda de peso nos gatos^(3,9), o uso dos análogos GLP-1 em pacientes felinos já diagnosticados com diabetes pode auxiliar na redução de dose necessária de insulina para manutenção da normoglicemia. Isso acontece devido a ação insulínica dependente dos agonistas de receptores GLP-1 que, mediante aumento de glicemia, estimulam as células beta pancreáticas a secretar insulina, ajudando ainda na preservação dessas células^(9,10,11).

Dessa forma, na espécie felina o possível uso dos agonistas GLP-1 se faz particularmente interessante uma vez que, devido a fisiopatogenia mais comum da doença, parece haver maior chance de remissão diabética e da manutenção dessa remissão, relacionada tanto a perda de peso quanto ao estímulo de produção de insulina pelas células beta pancreáticas^(3,18,19).

Efeitos adversos descritos em gatos diabéticos utilizando a medicação incluem inapetência, vômito e perda de peso não intencional⁽¹⁶⁾. Tais efeitos causam preocupação principalmente ao utilizar análogos GLP-1 em animais doentes, pois podem piorar o quadro clínico ou mesmo ocasionar novas urgências, como a lipídose hepática felina relacionada a perda de peso acentuada e abrupta^(16,4).

Quanto aos cães, a diabetes mellitus costuma se apresentar na forma similar à diabetes do tipo I em humanos. Diferentemente dos gatos, que desenvolvem diabetes a partir da resistência insulínica, nesses animais o mais comum é a deficiência absoluta ou relativa de insulina, fazendo com que necessitem de insulino-terapia para o controle da condição^(12,13).

Em estudo que avaliou o uso da liraglutida, agonista de GLP-1, tanto

em cães saudáveis quanto diabéticos, observou-se no grupo de cães saudáveis valores mais controlados de glicemia no teste de tolerância à glicose. Já os cães diabéticos apresentaram menores concentrações glicêmicas utilizando insulina juntamente com a liraglutida, quando comparados aos cães usando apenas insulina⁽¹⁴⁾.

Mais recentemente, o potencial dos agonistas de GLP-1 para o manejo da obesidade também começou a ser investigado nesses animais. Em um estudo com cães idosos obesos, o tratamento com liraglutida promoveu redução do apetite e do escore de condição corporal, além de reduções nas concentrações séricas de colesterol e triglicérides, embora a diminuição de peso observada não tenha alcançado significância estatística⁽¹⁵⁾.

Ponto importante de ressalva é que as doses e os intervalos de administração dos agonistas de GLP-1 ainda não são padronizados na Medicina Veterinária. As recomendações para gatos variam entre diferentes princípios ativos, como exenatida e liraglutida. Além disso, para um mesmo medicamento, existem protocolos que descrevem desde aplicações diárias até mensais⁽¹⁷⁾.

Nos cães, essa incerteza é ainda maior, uma vez que os estudos disponíveis são escassos e utilizaram diferentes esquemas de administração. A liraglutida, por exemplo, foi estudada em cães diabéticos em uma dose ajustada de acordo com o peso corporal, enquanto um estudo mais recente em cães obesos utilizou dose fixa por animal administrada diariamente^(14,15).

Em março de 2026, o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo (CRMV-SP), em conjunto com o Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo (CRF-SP), publicou uma nota técnica sobre o uso de agonistas de GLP-1 na Medicina Veterinária.

Segundo os órgãos, apesar de já existirem relatos de prescrição desses medicamentos por médicos-veterinários, seu uso na prática veterinária permanece “inabitual”, não havendo, até o momento, “indicações formais aprovadas para uso veterinário”. A nota também destaca que os estudos de segurança

disponíveis ainda são incipientes e restritos ao ambiente de pesquisa⁽¹⁸⁾.

Diante das evidências disponíveis, os agonistas de GLP-1 representam alternativa terapêutica promissora, especialmente no manejo da diabetes mellitus felina, considerando a forte associação entre obesidade, resistência à insulina e desenvolvimento da doença, bem como a possibilidade de remissão em parte dos pacientes.

Embora estudos clínicos tenham apresentado resultados favoráveis e diretrizes recentes já considerem o uso desses medicamentos em situações específicas, a experiência com essas terapias na Medicina Veterinária ainda é limitada, principalmente no caso dos cães, tanto para o controle da diabetes quanto para o tratamento da obesidade.

Assim, os agonistas de GLP-1 ainda não podem ser considerados medicamentos de uso rotineiro na clínica veterinária, mas sim uma possibilidade terapêutica em desenvolvimento, cujo papel deverá ser melhor definido à medida que novas evidências sobre sua eficácia e segurança estejam disponíveis. ■



Thais Ximenes, médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal e pós-graduanda em Endocrinologia Veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br

Monique Paludetti, médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal, doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP e clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br

Erika Pereira, médica-veterinária com residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF, especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP e mestre pelo programa de Clínica Veterinária da FMVZ-USP. E-mail: muerikapereira@gmail.com



ALÉM DA NUTRIÇÃO: COMO OS ALIMENTOS ÚMIDOS COADJUVANTES PODEM CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DE CÃES E GATOS

POR **GUSTAVO QUIRINO**, médico-veterinário e analista de treinamento técnico da Adimax

A terapia nutricional é um dos pilares fundamentais no manejo de cães e gatos enfermos, com evidências científicas que demonstram seus benefícios. Um exemplo é o estudo conduzido por Roubush et al. (2009), que avaliou diferentes intervenções no tratamento de gatos com Doença Renal Crônica (DRC).

Entre as terapias analisadas, a dieta coadjuvante renal apresentou as evidências científicas mais robustas, sendo a única recomendada rotineiramente para o manejo dessa enfermidade.

Nesse contexto, os alimentos úmidos coadjuvantes se destacam por associarem suporte nutricional específico para diferentes enfermidades com benefícios únicos que podem contribuir para o manejo clínico dos pacientes. Confira, a seguir, os principais benefícios:

1 Maior palatabilidade e aceitação da dieta

Alimentos úmidos apresentam perfil sensorial diferenciado, com textura macia, alto teor de umidade e maior liberação de compostos aromáticos, fatores que podem favorecer o consumo espontâneo (KOPPEL, 2014). Assim, a prescrição de uma dieta coadjuvante úmida, especialmente para animais com disorexia — como pacientes críticos, renais e idosos —, pode favorecer a ingestão nutricional e a continuidade da terapia. Um estudo conduzido por Brunetto et al. (2010) reforçou a importância de garantir esse aporte nutricional ao demonstrar melhores desfechos clínicos em pacientes críticos que receberam aporte energético em comparação àqueles que não receberam esse suporte.

2 Maior ingestão hídrica e benefícios para a saúde do trato urinário

O alto teor de umidade dos alimentos úmidos favorece maior ingestão hídrica, volume urinário e diluição da urina. Esse aspecto é ainda mais relevante para os gatos, que, diferentemente dos cães, não aumentam espontaneamente a ingestão de água para compensar o menor aporte hídrico de uma dieta seca (Anderson, 1982). Dessa forma, a alimentação exclusivamente úmida pode aumentar a ingestão hídrica e favorecer a diluição urinária, sendo relevante no tratamento e na prevenção das urolitíases em gatos, conforme demonstrado por Tozato et al. (2024).

3 Apoio ao manejo da obesidade

As apresentações úmidas dos alimentos coadjuvantes para obesidade podem contribuir para o sucesso dos programas de emagrecimento por apresentarem menor densidade energética em comparação à versão seca, permitindo oferecer maior quantidade de alimento para uma mesma ingestão calórica, o que pode favorecer a saciedade. Além disso, ampliam as formas de apresentação da dieta, tornando o manejo nutricional mais flexível e podendo favorecer a adesão do responsável ao plano alimentar.

A contribuição da inclusão de alimentos úmidos para o sucesso no manejo da perda de peso em cães foi avaliada em um estudo conduzido pela USP com os alimentos secos e úmidos de Fórmula Natural Vet Care Obesidade Cães (Pereira, 2022).

No estudo, a instituição do mix feeding, na proporção 80:20 (seco:úmido),

reduziu em 2,18 meses o tempo necessário para que os cães atingissem o Escore de Condição Corporal (ECC) ideal em comparação aos alimentados exclusivamente com a versão seca do alimento.

Os alimentos coadjuvantes úmidos combinam suporte nutricional específico para diferentes enfermidades a benefícios próprios dessa apresentação, tornando-se uma importante ferramenta para individualizar o manejo nutricional e favorecer a adesão ao tratamento.

Pensando nesse cuidado, o portfólio Fórmula Natural Vet Care conta com apresentações úmidas que podem ser fornecidas de maneira exclusiva, misturadas ao alimento coadjuvante seco de mesma indicação ou oferecidas como petisco.

Além de contar com opções para cães e gatos, os alimentos úmidos da linha não incluem ingredientes transgênicos, conservantes ou aromatizantes artificiais em sua composição e estão disponíveis em embalagens diferenciadas, com tampa, que facilitam o armazenamento adequado após a abertura. Conheça a linha completa pelo código QR ao lado. ■



ACESSE O QR CODE AO LADO PARA AS REFERÊNCIAS



FÓRMULA NATURAL

VET CARE



A **Fórmula Natural Vet Care** foi desenvolvida por médicos veterinários, sob os conceitos mais avançados da nutrição para cães e gatos enfermos que necessitam de dietas especiais. Formulada com alta tecnologia, não contém conservantes artificiais e ingredientes transgênicos. As versões de alimentos úmidos colaboram ainda para estimular o apetite e permitem variar a alimentação sem comprometer o tratamento.



Conheça a linha completa
Fórmula Natural Vet Care

[f](#) [i](#) [@formulanaturaloficial](#)
www.formulanatural.com.br



ABBEA: ciência, diálogo e cooperação pelo bem-estar animal no Brasil

É com grande satisfação que a ABBEA inicia esta parceria com a Revista Cães&Gatos, importante espaço de informação e conexão para os setores animal e veterinário. Esta coluna nasce para compartilhar conhecimento, ampliar o diálogo e contribuir para uma discussão cada vez mais qualificada sobre bem-estar animal no Brasil.

O bem-estar animal ocupa espaço crescente em debates que envolvem ciência, produção, saúde pública e políticas públicas. Nesse cenário, surge a Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA), organização técnica e multisetorial dedicada ao avanço do bem-estar animal no Brasil.

Baseada em ciência, diálogo e cooperação internacional, a ABBEA reúne academia, setor privado, sociedade civil e autoridades públicas em torno de um propósito comum: contribuir para a melhoria contínua do bem-estar animal.

Embora seu lançamento oficial tenha ocorrido em 15 de outubro de 2025, sua trajetória começou antes, com uma tese de doutorado iniciada em 2015 sobre a legislação de bem-estar e proteção animal no Brasil e na Alemanha. Esse trabalho fortaleceu o intercâmbio científico entre pesquisadores brasileiros e alemães.

A trajetória resultou em iniciativas como o livro *O bem-estar animal no Brasil e na Alemanha: Responsabilidade e Sensibilidade*, publicado em 2019, e o *Don't Forget the Animals: Congresso Internacional de Bem-Estar Animal* e o *Compendium Animalis*, coletânea de leis e normas de proteção e bem-estar animal no Brasil, lançada em 2020 e atualizada em 2025 e 2026.

O *Don't Forget the Animals* consolidou-

-se como espaço de discussão e intercâmbio entre profissionais. Em 2026, a ABBEA realiza a sexta edição do congresso, reafirmando seu compromisso com a disseminação do conhecimento e a construção de pontes entre diferentes áreas.

Fundada por nove profissionais, a ABBEA busca atuar como uma voz qualificada nos debates sobre bem-estar animal, contribuindo para soluções, políticas públicas e práticas empresariais mais responsáveis.

Entre suas frentes estão a associação de

ENTRE SUAS FRENTES ESTÃO A ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS E EMPRESAS, CONSULTORIA, CAPACITAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

profissionais e empresas, consultoria, capacitação e produção de conhecimento científico.

A ABBEA propõe uma abordagem integrada, na qual ciência, ética, legislação, educação e cooperação caminham juntas. Promover o bem-estar animal também significa aprimorar a relação da sociedade com os animais.

A construção de um novo olhar sobre o bem-estar animal depende da participação de todos. Profissionais, empresas, instituições e pessoas que compartilham desse propósito estão convidadas a juntar-se à ABBEA e contribuir para uma rede comprometida com conhecimento, diálogo e práticas responsáveis. ■

Thomas Timm
é presidente da
Associação Brasileira
de Bem-Estar Animal
(ABBEA)



 **PURINA®**
PRO PLAN®

**UMA NUTRIÇÃO EXCEPCIONAL
É O IMPULSO PARA UMA
VIDA EXTRAORDINÁRIA
TODOS OS DIAS**

® Marca Registrada de Société des Produits Nestlé S.A.

 **PURINA®**

Your Pet, Our Passion.®



PURINA PRO PLAN AMPLIA PORTFÓLIO E APOSTA EM NUTRIÇÃO PERSONALIZADA

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Atenta às mudanças do mercado pet e à maior valorização da nutrição para promover saúde para cães e gatos, a Nestlé Purina realizou uma renovação do portfólio de seu alimento super premium Pro Plan.

A proposta do relançamento é oferecer soluções nutricionais alinhadas às diferentes fases da vida e necessidades específicas dos cães e gatos, tornando os benefícios dos produtos mais claros para os responsáveis pelos animais e os médicos veterinários.

“Sempre tivemos a ciência como base e esse relançamento é uma evolução natural desse compromisso. Para isso buscamos traduzir a ciência por meio de ingredientes de alta qualidade e soluções nutricionais que contribuam para uma vida mais saudável e plena aos pets”, afirmam Priscila Rodrigues, gerente de informação veterinária, e Juliana Solbiati, representante de informação veterinária da Nestlé Purina.

CARNE COMO PRIMEIRO INGREDIENTE.

Com a atualização, o portfólio passa de 41 para 54 produtos (SKUs) e apresenta evolução em todas as fórmulas.

Entre os principais diferenciais está a presença de carne como primeiro ingrediente em 100% dos produtos.

Segundo Priscila e Juliana, a proteína é um nutriente essencial para cães e gatos, pois desempenha funções importantes no organismo, como a manutenção da massa muscular, a renovação dos tecidos e o suporte à vitalidade ao longo da vida. “Mais do que a quantidade, a qualidade e a digestibilidade da proteína também são fatores relevantes para a Nestlé Purina, visto que influenciam o aproveitamento dos nutrientes pelo animal”, explicam.

Como exemplo, as fontes proteicas são selecionadas de acordo com os objetivos nutricionais de cada formulação.

Carne de frango está presente em diversas receitas da linha, enquanto proteínas como salmão e peru compõem

produtos desenvolvidos para diferentes necessidades e perfis de cães e gatos.

Reconhecidas pelo alto valor biológico, elevada digestibilidade e alta palatabilidade, essas proteínas contribuem para o aporte adequado de nutrientes e para a manutenção da massa magra, além de favorecerem a aceitação do alimento pelos cães e gatos.

Priscila e Juliana comentam também que a linha incorpora ingredientes funcionais direcionados às diferentes necessidades dos cães e gatos ao longo da vida.

Entre os destaques está Pro Plan Longevidade Excepcional onde podemos destacar o uso de triglicerídeos de cadeia média (TCM), que fornecem uma fonte alternativa de energia para o cérebro de cães seniores. Além disso, a reformulação ampliou a presença de ingredientes já utilizados pela marca, como o colostro, agora presente em novas formulações selecionadas para cães e gatos, como Cui-

dado Excepcional e Gatos Castrados.

“Sabemos que uma boa nutrição desde o início e mantida ao longo da vida é a base para o envelhecimento saudável. Devido a isso, o colostro passou a integrar fórmulas selecionadas para cães adultos, complementando a proposta nutricional de produtos que buscam apoiar as defesas naturais também nessa etapa”, pontuam.

FORMULAÇÕES PENSADAS PARA OS CÃES.

Para cães, a ampliação do portfólio foi pensada visando atender as demandas específicas da espécie, tendo opções destinadas às diferentes fases de vida, ou seja, filhotes, adultos e sêniores, além de produtos voltados às necessidades específicas, como animais de alta vitalidade, com maior demanda energética, tendência ao ganho de peso, paladar exigente ou sensibilidades alimentares, entre outros.

Entre as opções também está a Purina Pro Plan Controle de Peso, indicada para cães adultos com baixo nível de atividade ou tendência ao ganho de peso, que apresenta menor densidade energética e maior teor de fibras.

Já o colostro está presente nas linhas Purina Pro Plan Desenvolvimento Excepcional, para filhotes, e Cuidado Excepcional para cães adultos.

PORTFÓLIO DEDICADO AOS GATOS.

Como os felinos têm hábitos, preferências e necessidades nutricionais muito próprias, a proposta visa oferecer um portfólio criado para acompanhá-los em suas diferentes fases da vida, desde filhotes a gatos sêniores, e necessidades especiais.

De acordo com Priscila e Juliana, essa nova geração de soluções aposta em maior especialização, trazendo produtos pensados para necessidades específicas alinhadas às principais tendências do mercado. “Para os gatos, esse olhar é especialmente relevante, já que os felinos apresentam características e necessidades nutricionais muito particulares. A linha também traz soluções como Purina Pro Plan LiveClear®, primeiro e único alimento desenvolvido para neutralizar o Fel d 1 no Brasil, principal alérgeno felino presente na saliva dos gatos”, destacam.



As fórmulas para felinos, assim como para cães, combinam carne como primeiro ingrediente, teores de proteína adequados à

natureza carnívora da espécie e ingredientes funcionais, como inulina e colostro em produtos selecionados.

Fazem parte do portfólio fórmulas como Purina Pro Plan Gatos Castrados, que apresenta benefícios de suporte para o controle de peso, contribui para a saúde do trato urinário inferior e fortalecimento do sistema imune, e Purina Pro Plan Hipoalergênico, com carne de peru como proteína alternativa, com ômega-3 e prebiótico, fortalecendo a barreira cutânea e contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal.

CIÊNCIA TRADUZIDA EM BENEFÍCIOS.

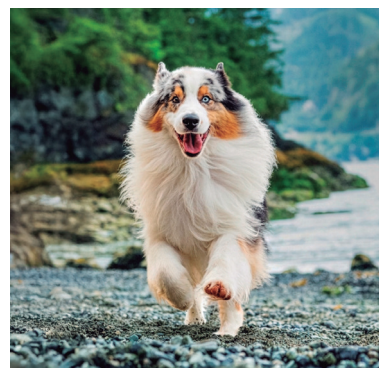
Outra mudança está na forma de comunicar os diferenciais das fórmulas. A linha passa a destacar benefícios no conceito

“3 em 1”, criado para tornar a informação científica mais acessível aos responsáveis e facilitar a identificação da proposta de cada produto.

Assim, cada fórmula apresenta três benefícios considerados relevantes para a necessidade à qual é direcionada.

“Essa é uma forma clara e objetiva de conectar a formulação ao benefício percebido, ajudando responsáveis e médicos-veterinários a identificar a opção mais adequada para cada pet

A reformulação ampliou a presença de ingredientes já utilizados pela marca, como o colostro, agora presente em novas formulações selecionadas para cães e gatos



sem abrir mão do respaldo científico da marca”, dizem as profissionais.

O conceito também ajuda a escolher alimentos que se adaptem de forma mais assertiva à individualidade de cada pet, considerando fatores individuais, como espécie, fase da vida, porte, peso, condição corporal e muscular, nível de atividade, status reprodutivo e histórico de saúde, que influenciam diretamente as necessi-

dades energéticas e nutricionais de cada pet.

“Os claims facilitam a identificação da fórmula mais alinhada ao momento de vida e às necessidades do pet, funcionando como uma pri-

meira orientação na leitura da embalagem. Isso torna a decisão mais prática e segura e, para os médicos-veterinários, é uma ferramenta adicional que apoia uma recomendação nutricional individualizada”, finalizam.

Com a renovação, Purina Pro Plan amplia seu portfólio e reforça a proposta de unir ciência, ingredientes de qualidade e nutrição especializada em soluções direcionadas às diferentes fases da vida e às necessidades dos cães e gatos. ■



MANEJO NUTRICIONAL DE GATOS DIABÉTICOS: DESAFIOS E ORIENTAÇÕES

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O diabetes mellitus é uma condição comum na clínica médica de felinos e tem correlação direta com a obesidade, visto que o excesso de peso pode desencadear um quadro de resistência insulínica.

Frente a esses casos, o manejo nutricional tem papel central, seja para o processo de perda de peso ou para manter a doença estabilizada. Todavia, representa desafios importantes para veterinários e responsáveis.

A médica-veterinária com aperfeiçoamento nível III em Clínica Médica de Pequenos Animais com ênfase em Endocrinologia e Metabologia pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) e mestre em Ciência Animal, Gabriela Pinheiro Tirado Moreno, afirma que um dos principais problemas relacionados ao protocolo alimentar de felinos com diabetes mellitus é a dificuldade em seguir o protocolo dietético, pois muitos animais são habituados a ter o alimento disponível o tempo todo.

“Além disso, muitas casas possuem gatos que apresentam necessidades nutricionais diferentes. Por exemplo, po-

demostrar no mesmo ambiente um animal que faz uso de alimento coadjuvante para doenças renais, um felino que necessita de ração para obesidade e outro em uso da hipoalergênica”, relata.

CUIDADO FUNDAMENTAL. Uma rotina adequada de alimentação é crucial para os gatos diabéticos. Gabriela destaca que, caso o paciente esteja acima do peso ideal, é fundamental que entre em um protocolo de emagrecimento com o uso de alimento específico para obesos.

Dessa forma, pode-se reduzir a resistência insulínica e aumentar a chance de atingir a remissão.

Já se o animal tiver um escore corporal ideal, é importante oferecer um alimento coadjuvante para diabetes, a depender das comorbidades, para minimizar a variabilidade glicêmica e preservar a massa muscular, o que nem sempre é possível devido às doenças associadas.

Com isso, entre os objetivos nutricionais buscados para um felino diabético, temos: manter o gato com um escore ideal e atingir a remissão diabética.

Considerando a escala de nove pontos, manter o Escore de Condição Cor-

poral (ECC) em 5/9 seria ideal para a maioria dos gatos adultos, enquanto alguns idosos podem se enquadrar melhor no ECC 6/9, além de preservar a massa muscular e evitar hiperglicemia pós-prandial ou hipoglicemias”, destaca a veterinária.

Portanto, de forma simplificada, a nutrição atua de maneira coadjuvante para evitar glicemias muito altas no período pós prandial através de carboidratos em baixa quantidade, favorecer a manutenção de massa magra com altos teores proteicos e contribuir no controle da saciedade com as fibras.

COMPOSIÇÃO DA DIETA. Após o diagnóstico do diabetes mellitus não existe um momento ideal para a troca da dieta do paciente e isso varia conforme cada caso clínico.

Segundo Gabriela, geralmente, se inicia o tratamento com insulina ou com os inibidores SGLT2 e aguarda-se a mínima estabilização do quadro para, então, instituir uma nova dieta.

Já para definir qual alimento escolher é preciso entender que a dieta adequada para animais com a doença deve apresentar restrição de carboidratos para evitar glicemias muito altas após o período de alimentação.

“Essas dietas devem, ainda, ter elevado teor de proteínas de alta digestibilidade para favorecer a manutenção de massa magra e teor moderado a alto de fibras para contribuir no controle da glicemia”, explica.

Além disso, mais do que conferir controle da glicemia, as fibras proporcionam aumento de saciedade, pois retardam o esvaziamento gástrico e reduzem a velocidade de absorção dos carboidratos. “Para os animais diabéticos e obesos em que a restrição calórica é indicada, o incremento nas quantidades de fibras é uma ótima estratégia para aumentar a saciedade”, destaca.

Outro aspecto que pode ser interessante na composição nutricional do alimento é a presença de arginina,

um aminoácido essencial para gatos que estimula a secreção de insulina.

MANEJO DA OBESIDADE. A obesidade é considerada uma das principais causas de resistência à insulina em gatos.

A médica-veterinária comenta que, com o aumento da resistência, o pâncreas precisa elevar a secreção de insulina para manter a glicemia. Porém, a longo prazo, ocorre disfunção e perda das células beta, associadas a fatores como glicotoxicidade e deposição de amiloide, o que favorece a progressão do diabetes mellitus. “Estudos mostram que cada quilograma de peso acima do ideal pode estar associado a uma redução de aproximadamente 30% na sensibilidade à insulina. Por isso, o controle do peso é fundamental tanto para o controle do diabetes quanto para aumentar a possibilidade de remissão”, destaca.

No entanto, o protocolo de emagrecimento nestes animais deve ser realizado de maneira adequada para não desencadear outras condições de saúde.

No caso de gatos obesos, a profissional explica que a perda de peso semanal deve atingir uma taxa de 0,5% a 1% e o monitoramento deve ser rigoroso, pois um emagrecimento muito rápido ocasionado pela redução alimentar brusca pode levar à lipidose hepática e à perda importante de tecido muscular.

ALIMENTAÇÃO X INSULINA. Uma dúvida comum sobre o manejo nutricional do diabetes mellitus felino está relacionada ao intervalo entre a alimentação e a aplicação de insulina.

Segundo Gabriela, estudos recentes mostram que não há necessidade de sincronizar a alimentação e a aplicação de insulina, o que é uma vantagem, pois muitos gatos possuem o hábito de “petiscar” e preferem comer pequenas porções ao longo do dia.

Além disso, em felinos preconiza-se o uso de insulinas do tipo basal, o que permite diversas pequenas refeições sem prejuízos no controle da glicemia.

“Entre as insulinas basais temos algumas opções, como as glarginas U-100, degludeca e a glargina U-300. Alguns animais podem utilizá-las uma vez ao dia, mas a maioria tem necessidade de aplicação duas vezes ao dia.



Gabriela Pinheiro Tirado Moreno, médica-veterinária com aperfeiçoamento nível III em Clínica Médica de Pequenos Animais e ênfase em Endocrinologia e Metabologia

Independentemente da escolha, nenhuma delas gera interferência importante no protocolo alimentar”, afirma.

Para entender se o manejo alimentar e o tratamento do diabetes mellitus estão sendo assertivos é possível avaliar alguns fatores, como a melhora dos sinais clínicos. De acordo com a médica-veterinária, o paciente deve ter controle da poliúria e da polidipsia. No que diz respeito ao peso, se o animal for obeso, precisa apresentar emagrecimento controlado. Já se estiver com escore ideal, deverá manter o peso e, caso esteja abaixo do peso, engordar.

Existem ainda escores clínicos que podem ser utilizados para uma avaliação menos subjetiva. “A glicemia deve apresentar a menor variabilidade possível e é importante considerar a qualidade de vida do paciente e do responsável. Se todos esses itens estiverem satisfatórios, podemos dizer que a estratégia está funcionando”, avalia.

Com relação aos parâmetros clínicos, é necessário acompanhar a ingestão alimentar, o volume de água ingerido e o volume de urina produzido.

Gabriela também relata que é comum pacientes diabéticos desenvolverem alterações metabólicas, sendo fundamental a realização de exames.

“Proteínas glicadas, como a frutossamina, podem ser utilizadas, mas

sempre em associação aos demais sinais clínicos. Qualquer tipo de inflamação ou infecção pode ser um fator de resistência insulínica e gerar descompensação glicêmica, por isso a importância do monitoramento”, pontua.

Além disso, atualmente os sistemas de monitoramento contínuo de glicose são uma ferramenta muito útil, especialmente em gatos, pois permitem acompanhar a glicemia de forma prática e reduzem a necessidade de coletas frequentes de sangue.

ESCOLHA DO ALIMENTO. Existem diferentes aspectos que devem ser considerados ao instituir uma dieta para gatos diabéticos. A alimentação úmida é altamente recomendada para esses animais, pois apresenta baixa densidade calórica, permitindo a ingestão de maior volume de alimento sem prejuízos.

Dessa forma, é possível reduzir comportamentos erráticos motivados pela fome e, adicionalmente, auxiliar na manutenção da hidratação do paciente devido ao maior teor de umidade.

Também é importante evitar alguns erros comuns na nutrição de felinos com diabetes mellitus. Entre eles, a profissional destaca oferecer alimentos com excesso de carboidratos, não controlar adequadamente a quantidade total de comida, fazer mudanças frequentes de dieta sem orientação e não considerar as necessidades individuais do gato. “A alimentação livre não é necessariamente proibida, mas precisa ser avaliada com cuidado, principalmente em gatos com sobrepeso ou obesidade”, alerta.

Já os petiscos podem ser oferecidos esporadicamente, inclusive como uma técnica de reforço positivo após aplicação da insulina. Contudo, devem possuir baixa caloria e quantidade de carboidratos, sendo preferencialmente ricos em proteína.

Felizmente, a indústria de nutrição animal está evoluindo a cada ano e a disponibilidade de dietas comerciais com teor reduzido de amido, alto teor de proteínas e fibras e alimentos úmidos coadjuvantes para diabetes são considerados pela médica-veterinária alguns dos principais avanços no manejo da doença. ■



TECNOLOGIA DA TETRA PAK ALIA NUTRIÇÃO E BEM-ESTAR À ALIMENTAÇÃO DOS PETS

EMBALAGEM PROPORCIONA SEGURANÇA DO ALIMENTO, DISPENSA CONSERVANTES E SE TORNA ALIADA DOS RESPONSÁVEIS POR CÃES E GATOS PARA ALIMENTOS MAIS NATURAIS E SAUDÁVEIS

O mercado pet brasileiro ganhou recentemente a opção de embalagens cartonadas para rações úmidas, movimento que está diretamente alinhado à saúde e ao bem-estar animal. Os critérios de rigor nutricional possibilitados pelas caixinhas da Tetra Pak chegam agora ao segmento de pet food brasileiro.

Isso se deve à tecnologia da embalagem, uma novidade para o setor. Com estrutura composta por camadas de papel, polipropileno e alumínio, a embalagem cartonada Tetra Recart® protege o conteúdo da luz, do oxigênio e da umidade, permitindo o envase de alimentos naturais e em pedaços, preservando seus nutrientes sem o uso de conservantes.

Segundo Luis Antonio Kühn, diretor de vendas e desenvolvimento de negócios da Tetra Pak Brasil, o diferencial está na tecnologia de processamento, que combina tratamento térmico e um sistema de autoclavagem. “Os alimentos são esterilizados já envasados dentro da embalagem, garantindo segurança e maior

vida útil do alimento sem refrigeração antes da abertura, além da manutenção de suas propriedades nutricionais”.

A Tetra Recart® também tem abertura fácil e pode ser refechada para consumo posterior, facilitando o armazenamento na geladeira – algo singular para a categoria.

Outro diferencial da embalagem é aliar alimentos de alto valor agregado, mais naturais e com ingredientes que podem ser reconhecidos ao olhar o alimento, como carne e legumes desfiados ou cortados.

A tecnologia permite que os alimentos mantenham características próximas aos naturais, atendendo à busca dos responsáveis por pets por produtos de alta qualidade. “A proposta também acompanha o olhar mais humanizado para os pets, considerando suas necessidades e oferecendo alimentos úmidos premium, sem conservantes, que complementam sua alimentação”, pondera, ainda, Luis Kühn.

Além de preservar a qualidade do ali-

mento, o formato da embalagem também otimiza o transporte e armazenamento. É composta por pelo menos 71% de materiais de fontes renováveis e papel certificado FSC™, permitindo reduzir em até 85% as emissões de carbono.

O portfólio da Tetra Recart® varia de 100 ml a 500 ml, opções que adequam o volume ao porte do animal e a diferentes faixas de preço. No mundo, cerca de 70 marcas do mercado de comidas pet já utilizam a Tetra Recart®, com a proposta de proporcionar alimentação mais saudável e sem conservantes.

A crescente demanda por alimentos úmidos, naturais e de alta qualidade tem motivado novos investimentos no setor. Em 2025, a categoria movimentou R\$ 78 bilhões no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação (Abempet). Desse total, o segmento de pet food respondeu por mais da metade do faturamento, impulsionando parcerias que transformam a inovação tecnológica em diferencial competitivo. ■

A embalagem ideal para o seu próximo lançamento

Conheça a **Tetra Recart®**,
uma solução para o envase
de alimentos úmidos para pets.

Ofereça mais praticidade
para os tutores com porções
na medida certa.

Proteja o produto
sem a necessidade de
conservantes, corantes
ou aditivos artificiais.

Destaque seu
produto premium
na gôndola.

Otimize o transporte
e o armazenamento.



Saiba mais em:
tetrapak.com/pt-br/pet-food

Tetra Pak®
PROTEGE O QUE É BOM

INOVAÇÃO NA NUTRIÇÃO PET: O POTENCIAL DO HPDDG NA ALIMENTAÇÃO DE CÃES

O intestino do seu cão tem um novo melhor amigo, um composto chamado HPDDG. O nome é meio complicado – e obviamente sem o charme e a fofura do seu pet. Mas a origem é simples, abundante no Brasil e está associada à saúde de todos nós. É o milho, mas com um tratamento todo especial.

O mesmo grão que vira etanol também vira esse composto altamente proteico e que faz bem para o intestino do seu pet. Tudo dentro da mesma indústria. Esse pequeno cereal tem partes diferentes, uma delas vira biocombustível, de baixa emissão de carbono, e a outra, alimento.

A ciência recente colocou o intestino no centro de tudo. Da saúde, da estética e até do equilíbrio emocional. Se é assim com a gente, por que seria diferente com seu pet? Para um produto ser adequado à nutrição animal, agora precisa ser muito mais do que



comida. E, é claro, precisa fazer bem para o intestino do seu cão, para conseguir garantir uma imunidade mais forte, mais energia e até uma pelagem mais bonita.

O segredo está nas bactérias que naturalmente habitam o intestino: elas podem ser boas ou más. Nutrição animal que vai além da comida precisa estimular as boas e ajudar na multiplicação delas. E é aí que mora o ouro do HPDDG.

Além de ser uma super proteína, esse composto ajuda nessa colonização de uma flora intestinal saudável.

Não é por acaso. O investimento em ciência nesse mercado é retorno garantido. O Brasil é o terceiro maior mercado pet do mundo. Em 2025, esse setor movimentou quase R\$78 bilhões em vendas, segundo a Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação (Abempet) – e mais da metade disso foi para alimentação.

CIÊNCIA QUE AMPLIA POSSIBILIDADES NA NUTRIÇÃO PET. Em um mercado desse tamanho e cada vez mais especializado, não basta conhecer a composição nutricional de um ingrediente. É preciso entender quanto de seus nutrientes pode ser efetivamente aproveitado pelo organismo, como ele é aceito pelo animal e quais efeitos sua inclusão na dieta pode provocar. É justamente nesse ponto que a ciência se torna fundamental.

Um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com apoio da FS e publicado no *Journal of Animal Science*, avaliou essas características do HPDDG na alimentação de cães adultos. O ingrediente utilizado na pesquisa é produzido pela FS e comercializado como FS Essencial. Foram comparadas dietas com 0%, 7%, 14% e 21% de inclusão.

A proteína do HPDDG apresentou digestibilidade de 91,2%, indicando elevado aproveitamento pelo organismo dos cães. Nas formulações testadas, não foram observadas diferenças na digestibilidade dos macronutrientes nem nas características fecais avaliadas em comparação à dieta controle.

A aceitação foi outro aspecto



investigado. No teste de palatabilidade, os cães consumiram mais da dieta formulada com 21% de HPDDG em comparação à dieta sem o ingrediente. O resultado aponta para o potencial dessa fonte proteica também em um atributo essencial para qualquer alimento destinado aos pets: ser bem aceita pelo animal.

A pesquisa também colocou à prova um dos aspectos centrais dessa nova forma de olhar para a nutrição: a relação com o ambiente intestinal. A análise das bactérias presentes nas fezes, utilizada para investigar alterações relacionadas à microbiota, identificou mudanças em determinados grupos bacterianos e em indicadores de diversidade microbiana.

Entre os resultados, houve aumento de *Blautia* e alterações em *Clostridiales*, grupos associados na literatura científica à funcionalidade intestinal. Os dados apontam para potenciais efeitos benéficos do ingrediente sobre essa funcionalidade, uma frente que poderá continuar sendo explorada em novas pesquisas.

A ORIGEM TAMBÉM ENTRA NA EQUAÇÃO. Se a ciência ajuda a entender o que um ingrediente pode oferecer ao animal, outro aspecto ganha importância para a indústria e para os consumidores: de onde ele vem e como é produzido.

Na FS, o HPDDG nasce dentro da mesma biorrefinaria que produz etanol. O milho utilizado é cultivado predominantemente como milho de segunda safra, sucedendo a soja na mesma área dentro do ano agrícola.

Durante o processamento, diferen-

tes componentes do grão são separados e aproveitados para diferentes finalidades, dando origem, além do biocombustível, a ingredientes destinados à nutrição animal e ao óleo de milho.

Esse aproveitamento integrado da matéria-prima se insere em uma lógica de economia circular, na qual diferentes componentes de um mesmo grão ganham novas aplicações. Assim, a cadeia do etanol de milho também contribui para ampliar a disponibilidade de ingredientes para outras cadeias produtivas, entre elas a de alimentação animal.

O avanço desses ingredientes vem acompanhado ainda pela necessidade de estabelecer referências de identidade e qualidade. O Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) avançou na padronização dos produtos das destilarias de milho destinados à alimentação animal, contemplando categorias com diferentes características e composições nutricionais, entre elas o HPDDG.

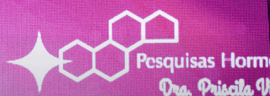
A definição de parâmetros comuns contribui para ampliar a clareza e a segurança para sua utilização pela indústria.

Para um mercado pet que cresce ao mesmo tempo em que se torna mais especializado, olhar apenas para a composição dos ingredientes já não é suficiente. Digestibilidade, aceitação, interação com o organismo, segurança e origem passam a fazer parte da mesma discussão.

E, à medida que novas fontes nutricionais chegam às formulações, será a ciência que permitirá compreender seu potencial e transformar inovação em soluções para a alimentação dos animais. ■

bem-vindos!
BEM-VINDOS

Uma noite de encontros, conhecimento e novidade
para o futuro da endocrinologia veterinária



NOHRA CLINIC CONECTA PESQUISA, DADOS E DISCUSSÃO ESPECIALIZADA À ROTINA DA ENDOCRINOLOGIA VETERINÁRIA

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

O Grupo Pesquisas Hormonais lança a Nohra Clinic, plataforma que aproxima da rotina clínica veterinária recursos de organização, exploração e análise de dados amplamente utilizados em pesquisa.

A proposta é permitir que o médico-veterinário vá além da avaliação isolada de cada paciente e explore sua própria casuística, identificando padrões, tendências, evoluções e respostas aos tratamentos.

Criada pelas médicas-veterinárias e cofundadoras da Hormonalle, Débora Cattaruzzi e Priscila Viau, a plataforma levou cerca de dez meses para ser desenvolvida e nasceu da experiência das profissionais entre dois universos que sempre fizeram parte de suas trajetórias: a pesquisa e a rotina diagnóstica. “Durante anos, utilizamos na pesquisa ferramentas que nos permitem olhar não apenas para um indivíduo, mas para conjuntos de pacientes, cruzar informações e

reconhecer padrões. A Nohra nasce dessa inquietação: por que não aproximar essa forma de olhar da rotina clínica?”, explicam Débora e Priscila.

Na plataforma, o veterinário pode explorar dados de diferentes pacientes, agrupá-los por características clínicas e utilizar filtros e recursos gráficos para acompanhar comportamentos, evoluções e respostas aos tratamentos.

Assim, informações que pertencem à história individual de cada paciente também podem revelar padrões quando analisadas em conjunto, transformando dados da rotina em conhecimento aplicável à prática clínica.

Outro diferencial é o ambiente dedicado à discussão de casos em Endocrinologia Veterinária com quatro especialistas associados: Viviani De Marco, Alan Pöpl, Vanessa Uemura e Bruna Stafoche.

A proposta é oferecer um segundo olhar em casos desafiadores, resultados discordantes ou situações em que a discussão possa ampliar o raciocínio

clínico. A decisão e a condução do paciente permanecem sob responsabilidade do médico-veterinário responsável.

Segundo Luana Furtado, coordenadora de marketing do Grupo, o objetivo é fazer com que a informação produzida ao longo da jornada do paciente seja efetivamente utilizada. “Não basta gerar informação. Precisamos criar caminhos para conectá-la, interpretá-la e torná-la útil para a prática clínica.”

A Nohra também reúne recursos como histórico dos pacientes, receituário, pedidos de exames e acesso aos laudos, permitindo visualizar de forma integrada informações que normalmente ficam fragmentadas.

A plataforma foi apresentada oficialmente no fim de agosto, durante evento de lançamento realizado em São Paulo, que reuniu médicos-veterinários, especialistas e parceiros do Grupo Pesquisas Hormonais.

O acesso é gratuito para médicos-veterinários atendidos pelos laboratórios parceiros da Hormonalle. ■

SUPLEMENTAR NUNCA FOI TÃO FÁCIL!



TABLETES MASTIGÁVEIS ALIVIRA PET

- Altamente **palatável**
- **Fácil** administração
- Formulado para **uso diário**
- **Dosagem adequada** por peso do animal

Os produtos Alivira Pet que você já conhece, agora também na versão mastigável!



DA SUSPEITA AO TRATAMENTO: COMO MANEJAR A PANCREATITE EM CÃES E GATOS

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A pancreatite é uma enfermidade multifatorial, caracterizada pela inflamação do pâncreas e dos órgãos adjacentes com potencial de desencadear uma resposta inflamatória sistêmica no organismo.

Com apresentação distinta entre cães e gatos, em casos graves pode causar alterações importantes, como arritmias, depressão mental, insuficiência renal aguda e hepatite grave.

Segundo Larissa Nonato de Camargo Dembowsky, médica-veterinária especializada em Gastroenterologia com aprimoramento em Medicina Intensiva e membro da diretoria da Associação Brasileira de Gastroenterologia Animal (ABRAGA), Felipe Saab Romano, médico-veterinário com residência em Clínica Médica e presidente da ABRAGA, e Brunna Gomes Ré, médica-veterinária pela Universidade de São Paulo (USP) e ex-residente do Hospital Pompeia, nos cães é comum existirem quadros agudos de pancreatite, que se manifestam de forma mais exuberante.

“Nesses animais, os sinais e sintomas são evidentes, apresentando principalmente vômito, anorexia, dor abdominal e prostração. Alguns cães podem ter diarreia, taquipneia, alterações neurológicas (depressão mental e convulsão), hematológicas (anemia, neutrofilia, geralmente, sem des-

vio à esquerda e alterações da coagulação) e hepáticas (aumento de enzimas hepáticas e icterícia)”, relatam.

Já nos gatos, a doença geralmente tem evolução crônica, com caráter mais brando ou manifestações clínicas silenciosas, o que resulta em subdiagnóstico.

Os médicos-veterinários explicam que as causas da enfermidade podem ser parecidas em ambas as espécies, mas normalmente nos cães há histórico de mudança de dieta recente ou indiscrição alimentar. Também são considerados trauma, aumento de triglicérides, endocrinopatias, obesidade e uso de medicações, como ciclosporina, brometo de potássio e azatioprina.

“Nos felinos a condição costuma ser idiopática e pode estar associada a fatores autoimunes. Algumas doenças concomitantes, como enteropatias crônicas, colangite e diabetes mellitus, aparecem associadas à pancreatite, mas nem sempre é possível estabelecer relação de causa e efeito”, citam.

Ainda nesses animais, a apresentação da pancreatite pode ser discreta com alteração de apetite, perda de peso, diminuição do nível de atividade e episódios inespecíficos de náusea e alteração gastrointestinal.

FATORES PREDISPONENTES. A doença pode se desenvolver em animais de qualquer idade. Porém, é mais

frequente em adultos e idosos, sendo diagnosticada raramente em filhotes. “Nos cães, existe predisposição racial, por isso a literatura tradicional sempre alertou que os cachorros do grupo Terrier podem ter uma genética suscetível a pancreatite, como Yorkshire, Schnauzer e West. Ainda há casos descritos em Poodle, Cocker Spaniel e outras raças, mas essa não é uma regra. Em gatos, não há predisposição racial estabelecida”, destacam.

Fatores genéticos também podem estar envolvidos na incidência da pancreatite, especialmente as alterações metabólicas, como hipertrigliceridemia.

Além disso, nos cães existe associação entre obesidade e pancreatite, enquanto nos gatos essa correlação não está estabelecida. “A obesidade continua sendo um problema importante de saúde, mas não podemos afirmar que um gato obeso necessariamente possui maior risco”, alertam.

FERRAMENTAS DIAGNÓSTICAS. Com a evolução da Medicina Veterinária, atualmente se tem mais conhecimento sobre a doença e maior qualidade de exames de imagem para diagnosticá-la.

No entanto, Larissa, Felipe e Brunna destacam que não existe um único exame capaz de diagnosticar todos os casos de pancreatite. “O diagnóstico deve ser construído pela combinação de histórico clínico, exame físico, exames laboratoriais e exames de imagem. Em alguns casos, exames adicionais são necessários para avaliar complicações e doenças concomitantes”, citam.

Entre as opções disponíveis está a lipase pancreática específica canina ou felina, que dificilmente está elevada em animais sem a enfermidade, mesmo que existam exceções. “Se a lipase pancreática estiver aumentada em um paciente com clínica compatível, apresentando vômito, diarreia, dor e alterações em ultrassonografia, pode-se fechar o diagnóstico de pancreatite”, explicam.

A ultrassonografia é uma ferramenta importante, mas depende da qualidade do exame, da experiência do profissional, da conformação anatômica do paciente, da presença de gás intestinal e do estágio da doença.

Os médicos-veterinários comentam

que existem limitações de achados e artefatos de cada abdômen dos animais, que atrapalham a interpretação do exame, assim como pacientes que já tiveram episódios anteriores de pancreatite podem ter sequelas e achados de pancreatite crônica, que dificultam a interpretação de um quadro ativo.

“A ultrassonografia é essencial na pancreatite, pois consegue verificar achados importantes, como edema pancreático, mudanças na ecogenicidade do órgão - geralmente quadros agudos são mais hipoeecogênicos e quadros crônicos hipereecogênicos -, alterações da gordura peripancreática, presença de líquido livre na cavidade abdominal, alterações hepáticas, renais, intestinais, biliares e de motilidade intestinal, além de mensuração de adrenais”, afirmam.

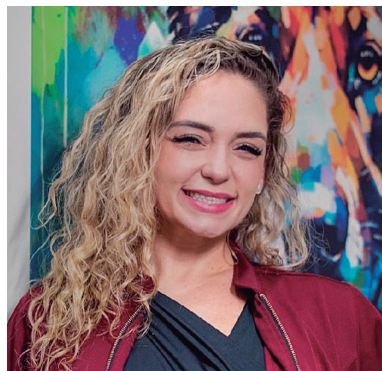
É fundamental, ainda, considerar os diagnósticos diferenciais que podem estar relacionados à pancreatite, como doenças gastrointestinais, hepatobiliares, renais, endocrinológicas e intoxicações.

TRATAMENTO DE SUPORTE. Não existe uma única medicação capaz de curar a pancreatite. Assim, o tratamento realizado visa dar suporte ao paciente e consiste em:

- Controle adequado da dor;
- Controle de náusea e vômito;
- Hidratação e correção das alterações eletrolíticas com base em gasometria;
- Manutenção da nutrição, preferencialmente pela via enteral;
- Tratamento das causas de base ou doenças concomitantes;
- Monitoramento de possíveis complicações.

O uso de antibiótico pode ser indicado quando existe evidência ou forte suspeita de infecção bacteriana, sepse e alguma complicação infecciosa, como necrose infectada ou abscesso. Os profissionais destacam que o controle da dor é fundamental, visto que a pancreatite pode ser extremamente dolorosa.

“Um paciente com dor não se alimenta adequadamente, fica mais estressado e pode ter pior recuperação. Por isso, a analgesia não é um detalhe do tratamento: é um dos pilares”, alertam.



Larissa Nonato de Camargo Dembowski, médica-veterinária especializada em Gastroenterologia com aprimoramento em Medicina Intensiva e membro da diretoria da ABRAGA

A nutrição, por sua vez, é uma das mudanças mais importantes na abordagem moderna da pancreatite. Durante muito tempo acreditou-se que era necessário deixar o animal em jejum para “descansar o pâncreas”.

No entanto, atualmente sabe-se que o jejum prolongado pode ser prejudicial e que, quando possível, a nutrição enteral precoce é preferível.

Para Larissa, Felipe e Brunna, em gatos isso é ainda mais importante porque a anorexia prolongada aumenta o risco de lipidose hepática e, quando o felino não consegue se alimentar espontaneamente, deve-se considerar precocemente a alimentação assistida, inclusive por tubo esofágico.

Já a necessidade de internação depende do quadro. Pacientes graves ou que não conseguem manter hidratação, analgesia e alimentação adequadas precisam ser hospitalizados.

Segundo os veterinários, a internação quase sempre é necessária para controle antiemético, reforço nutricional, analgesia e reposição de hidratação para evitar o choque hipovolêmico.

“Também pode ser necessário suporte de oxigênio em casos de dispneia, transfusão sanguínea para animais com anemia importante, trombofilaxia a depender do coagulograma, suporte nutricional por sonda e cuidados intensivos”, pontuam.

PROGNÓSTICO VARIÁVEL. Uma vez estabelecidos os pilares do tratamento, a recuperação de cães e gatos com pancreati-



Brunna Gomes Ré, médica-veterinária pela Universidade de São Paulo (USP) e ex-residente do Hospital Pompeia

te é esperada, mas depende da gravidade e da situação geral de saúde do animal.

De modo geral, o que determina se o prognóstico é bom ou ruim é a gravidade da doença e a presença de complicações sistêmicas.

Os veterinários explicam que um paciente com sinais gastrointestinais leves que responde rapidamente ao tratamento tende a ter um prognóstico muito melhor se comparado a animais com hipotensão, alterações importantes de coagulação e respiratórias, insuficiência renal, distúrbios eletrolíticos, necrose pancreática extensa ou falência de múltiplos órgãos.

Além disso, algumas complicações podem ocorrer, visto que a pancreatite grave pode desencadear uma resposta inflamatória sistêmica e comprometer vários órgãos. “Em casos de doença pancreática crônica e extensa destruição do tecido pancreático, podemos ter consequências a longo prazo, como insuficiência pancreática exócrina e diabetes mellitus”, citam.

Não existe uma forma de pre- ➤

Felipe Saab Romano, médico-veterinário com residência em Clínica Médica e presidente da ABRAGA



venir todos os casos de pancreatite, principalmente porque uma grande parcela dos casos, especialmente em gatos, é considerada idiopática. O que pode ser feito é reduzir fatores de risco.

Conforme afirmam, nos cães, é importante evitar obesidade, doenças endócrinas e indiscrições alimentares, além de monitorar pacientes que utilizam medicamentos potencialmente associados à pancreatite.

Também é fundamental que os responsáveis reconheçam sinais como vômito, perda de apetite, dor abdominal e prostração nos cães. “Já nos gatos, precisamos estar ainda mais atentos aos sinais sutis, como perda de peso, redução do apetite, episódios de náusea, vômitos ocasionais ou simplesmente mudança de comportamento. Frente a esses quadros, deve-se investigar a presença da pancreatite”, concluem.

ERROS COMUNS NO MANEJO DE PACIENTES COM PANCREATITE

- Tentar tratar em casa animais que precisam de internação;
- Instituir alimentação com baixa gordura sem analisar cada caso individualmente: para cães com pancreatite, principalmente quando existe hipertrigliceridemia ou histórico da doença relacionada à alimentação, uma dieta com menor teor de gordura pode ser muito útil. Porém, não se deve transformar isso em uma regra absoluta. É mais importante que o paciente coma uma dieta nutricionalmente adequada e que consiga tolerar do que mantê-lo em jejum;
- Incluir antibióticos no protocolo sem real necessidade ou presença de febre, hemograma com desvio à esquerda, hipotensão e sugestão de choque;
- Instituir tratamento com antiácidos, como omeprazol, sem histórico de hematemese, melena e evidência de úlcera abdominal. ■



Easy Calm Pet e Pósbiom Pet são as novidades da Imeve Pet para cães e gatos

IMEVE PET APOSTA EM NOVA GERAÇÃO DE BIÓTICOS

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A Imeve está ampliando a sua atuação no mercado de animais de companhia com a criação da unidade de negócios Imeve Pet, que chega ao mercado com dois lançamentos: Easy Calm Pet e Pósbiom Pet.

Segundo Jean Carlos de Oliveira Alves, gerente de inovação e novos negócios da empresa, o Easy Calm Pet atua no eixo intestino-cérebro através do *Lactiplantibacillus plantarum* e tem como proposta oferecer suporte aos pets em situações potencialmente estressantes. “Sua formulação reúne L-teanina, L-triptofano, extratos de camomila, valeriana e maracujá, além de probióticos, prebióticos, vitaminas, EPA e DHA”, explica.

Já o Pósbiom Pet, foi pensado para auxiliar na saúde intestinal e promover suporte ao sistema imunológico. Sua fórmula combina *Lactobacillus acidophilus*, *Saccharomyces cerevisiae*, prebióticos, sólidos so-

lúveis de fermentação, L-glutamina, beta-glucanas e vitaminas D3 e E.

“Os dois lançamentos possuem propostas complementares. O Easy Calm Pet foi desenvolvido com foco no suporte ao equilíbrio comportamental e às situações de estresse. Por outro lado, o Pósbiom Pet tem como foco a microbiota e a saúde, além do suporte ao sistema imunológico, ampliando o conceito dos bióticos dentro da suplementação de animais de companhia”, pontua.

Um diferencial tecnológico importante dos produtos é que todas as cepas probióticas presentes nas fórmulas são desenvolvidas e fabricadas pela própria Imeve.

Jean destaca que elas contam com tecnologia de microencapsulação, que confere proteção gastrorresistente e contribuem para preservar a viabilidade dos microrganismos durante sua passagem pelo trato gastrointestinal, favorecendo a chegada ao intestino. ■



Quando tudo parece igual: por que o posicionamento se tornou o maior diferencial no mercado pet

O mercado pet brasileiro evoluiu. Novas clínicas, hospitais, indústrias e serviços surgem constantemente, acompanhados por investimentos em tecnologia, infraestrutura e qualificação profissional. Esse avanço fortalece o setor, mas também cria um novo desafio: quanto mais o mercado amadurece, mais difícil se torna construir diferenciação.

Basta observar a comunicação de muitas empresas do segmento. “Atendimento humanizado”, “equipe especializada”, “tecnologia de ponta”, “amor pelos animais” e “cuidado de excelência” são atributos frequentemente apresentados como diferenciais. O problema é que, quando todos comunicam a mesma mensagem, ela deixa de diferenciar.

Nesse cenário, o posicionamento passa a ocupar um papel estratégico. Posicionar uma marca não significa apenas escolher um slogan ou definir uma identidade visual. Significa decidir como a empresa deseja ser reconhecida, qual percepção pretende construir e qual espaço deseja ocupar na mente do responsável pelo animal.

Essa construção vai além da comunicação, ela envolve escolhas. Uma clínica pode decidir ser reconhecida pela excelência em Medicina Felina, outra pelo atendimento familiar, outra pela alta complexidade ou pela Medicina Preventiva.

Nenhuma dessas decisões é melhor do que a outra. O diferencial está na clareza e na consistência com que essa proposta é percebida.

O mesmo vale para indústrias, distribuidores e empresas de serviços. Em um mercado onde produtos e soluções se tornam cada vez mais semelhantes, a vantagem competitiva deixa de estar apenas no que se oferece e passa a estar na forma como a marca é compreendida.

O posicionamento transforma características em significado. Isso exige coerência em todos os pontos de contato. O conteúdo produzido, o atendimento, a experiência, a linguagem

adotada, o ambiente físico e até a forma como a equipe se relaciona com os clientes precisam reforçar a mesma percepção.

Quando cada interação comunica uma mensagem diferente, a marca perde força. Quando existe alinhamento, a diferenciação acontece de maneira natural. Esse cenário também muda a lógica da concorrência. Muitas empresas ainda observam apenas os serviços oferecidos pelos concorrentes diretos, quando o verdadeiro desafio é evitar a padronização.

Em mercados maduros, as marcas deixam de competir apenas por preço ou estrutura e passam a disputar significado.

Posicionamento também não é um exercício de exclusividade absoluta. Não é necessário ser o único a oferecer determinado serviço. O importante é ser lembrado por aquilo que faz sentido para sua proposta de valor e para o público que deseja atender.

Em um ambiente onde o responsável pelo animal recebe informações de diferentes fontes e encontra inúmeras opções disponíveis, marcas genéricas tendem a ser facilmente substituídas.

Já marcas com posicionamento claro criam reconhecimento, fortalecem a confiança e tornam a decisão mais simples.

No fim, equipamentos podem ser adquiridos, tecnologias podem ser incorporadas e serviços podem ser replicados. O posicionamento, porém, é construído ao longo do tempo e não pode ser copiado com facilidade. Porque, no mercado pet, o maior diferencial nem sempre está no que a empresa faz, mas na forma como ela é lembrada. ■

**UMA CLÍNICA
PODE DECIDIR SER
RECONHECIDA PELA
EXCELÊNCIA EM
MEDICINA FELINA,
OUTRA PELO
ATENDIMENTO
FAMILIAR, OUTRA
PELA ALTA
COMPLEXIDADE
OU PELA MEDICINA
PREVENTIVA**

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas

DESAFIOS DA ODONTOLOGIA EM COELHOS DOMÉSTICOS

▷ RAQUEL NAOMI TANAKA SCADUTO

Os coelhos possuem uma dentição especializada, caracterizada pelo crescimento contínuo dos incisivos e dos dentes posteriores. Por esse motivo, o desgaste promovido pela mastigação é fundamental para manter o comprimento e a oclusão adequados dos dentes.

Quando esse equilíbrio é comprometido, podem surgir alterações dentárias que dificultam a apreensão e a mastigação dos alimentos, comprometendo a ingestão adequada e desencadeando outras alterações sistêmicas e prejuízos à saúde do animal.

Os problemas dentários em coelhos domésticos apresentam alta casuística na clínica de pets não convencionais. Embora possam ter origem congênita ou traumática, a alimentação inadequada, especialmente aquela com baixo teor de fibras, é um dos principais fatores associados ao desenvolvimento dessas alterações.

O consumo insuficiente de alimentos fibrosos reduz o estímulo masti-

gatório e, conseqüentemente, o desgaste fisiológico dos dentes, favorecendo o hipercrecimento dentário.

Quando o desgaste dentário não ocorre de forma adequada, o crescimento contínuo dos dentes pode resultar em hipercrecimento e má oclusão, favorecendo o aparecimento de pontas, lesões na cavidade oral, dor, inflamação e infecções.

Essas alterações podem evoluir de maneira silenciosa, fazendo com que os primeiros sinais passem despercebidos pelos responsáveis, que muitas vezes só percebem o problema quando o animal apresenta redução ou interrupção da alimentação, apatia e fraqueza.

ANATOMIA E FISILOGIA DENTÁRIA.

Os coelhos possuem 28 dentes, não apresentam caninos e têm um diastema entre os incisivos e os dentes jugais (pré-molares e molares). Todos os dentes são elodontes e aradiculares, com crescimento contínuo ao longo da vida, tornando o desgaste durante a mastigação essencial.

Os incisivos apreendem e cortam os

alimentos, enquanto os dentes jugais realizam sua trituração. O desgaste ocorre principalmente pelos movimentos laterais da mandíbula, a uma taxa de aproximadamente 2 a 2,4 mm por semana.

COMO É FEITO O DIAGNÓSTICO? O diagnóstico da doença dentária em coelhos envolve anamnese, exame físico e avaliação da cavidade oral, exames de imagem e laboratoriais.

Na anamnese deve-se avaliar os hábitos alimentares, especialmente do consumo de alimentos ricos em fibras. No exame físico inclui-se a avaliação oral, sendo recomendada sedação ou anestesia quando houver suspeita de alterações dentárias ou necessidade de exame mais detalhado.

Os dentes incisivos devem ser avaliados quanto ao comprimento, formato, coloração, esmalte e oclusão. Incisivos saudáveis são brancos, cilíndricos e apresentam borda em formato de cinzel.

Já a avaliação dos dentes jugais é dificultada pelo pequeno tamanho da cavidade oral dos coelhos, sendo



COMO IDENTIFICAR UMA DOENÇA DENTÁRIA?

Por serem animais que são naturalmente presas, os coelhos tendem a mascarar sinais de doença, podendo apresentar manifestações clínicas apenas quando a enfermidade está mais avançada. Os sinais variam conforme a gravidade da doença dentária e podem incluir:

1 Alterações na alimentação: anorexia, redução da ingestão, seletividade alimentar e dificuldade para apreender ou mastigar o alimento. A dor e a má oclusão podem levar o animal a preferir alimentos mais macios, reduzindo o consumo de feno;

2 Alterações nas fezes: redução do volume, tamanho ou alterações na aparência, geralmente associadas à menor ingestão alimentar;

3 Sialorreia: umidade, perda de pelos ou pelos empastados na região do queixo, causada principalmente por dor e dificuldade de fechamento da boca;

4 Secreção nasal: pode ocorrer devido ao alongamento das raízes dos dentes superiores e à irritação dos seios nasais;

5 Pelos empastados nos membros anteriores: podem indicar que o animal está limpando secreções provenientes da boca, nariz ou olhos;

6 Epífora e exoftalmia: o crescimento das raízes dos dentes superiores pode comprimir o ducto nasolacrimal, causando lacrimejamento;

7 Aumento de volume facial: pode estar relacionado à formação de abscessos ou ao alongamento das raízes dentárias;

8 Bruxismo: o ranger dos dentes é um importante indicativo de dor;

9 Alterações na superfície de oclusão dos dentes jugais: podem indicar desgaste inadequado, crescimento excessivo e má oclusão.

frequentemente necessária a utilização de instrumentos e sedação.

O uso de espéculo nasal ou otoscópio permite uma avaliação superficial da superfície de oclusão, porém apresenta campo de visão limitado, podendo deixar pequenas lesões despercebidas.

A radiografia é fundamental para avaliar estruturas que não podem ser observadas no exame oral, como raízes dentárias, ossos da mandíbula e maxila, periodonto e canal nasolacrimal. A tomografia computadorizada oferece maior detalhamento e reconstrução tridimensional, sendo especialmente útil na investigação de abscessos, neoplasias e alterações intranasais e de tecidos moles.

EXISTE TRATAMENTO? O tratamento visa restabelecer o comprimento e a oclusão adequados dos dentes, controlar a dor e tratar possíveis infecções. Alguns procedimentos são a redução da coroa, extração dentária e redução de abscessos através de drenagem, excisão cirúrgica e antibioticoterapia.

PREVENÇÃO: O PONTO MAIS IMPORTANTE! A prevenção é a principal ferramenta para reduzir a ocorrência de doenças dentárias em coelhos. O diagnóstico e o tratamento dessas afecções pode exigir exames de imagem, procedimentos odontológicos e cirúrgicos, anestesia e acompanhamento especializado, muitas vezes complexos, delicados e prolongados.

Além disso, coelhos debilitados podem apresentar rápida deterioração do estado clínico, aumentando os riscos de vida, tornando a intervenção ainda mais desafiadora.

A alimentação adequada é o principal fator preventivo, esses animais devem receber acesso constante a alimentos ricos em fibras, especialmente feno de boa qualidade e procedência, sendo oferecidos à vontade para estimular a mastigação, com movimentos laterais da mandíbula e o desgaste fisiológico dos dentes.

A dieta também precisa incluir uma variedade de folhagens frescas, preferencialmente de coloração verde-escura, que contribuem para o fornecimento de fibras e nutrientes.

Deve fornecer quantidade adequada de cálcio, essencial para a mineralização dos dentes e ossos. Rações peletizadas de boa qualidade são à base de feno.

O ideal é evitar alimentos industrializados, legumes e frutas ricos em açúcar ou grãos ricos em óleos, visto que podem causar sensação de saciedade, diminuindo ingestão de fibras e movimentos de mastigação.

Podem ser oferecidos itens seguros para morder, como brinquedos de madeira não tratada, galhos de espécies adequadas e objetos de fibras vegetais, sempre livres de agrotóxicos, tintas e outros produtos químicos. Além de servir para enriquecimento ambiental, eles ainda estimulam a mastigação.

Uma alimentação equilibrada não apenas auxilia na prevenção do hipercrescimento e de outras alterações dentárias, como também contribui para a saúde geral, o bem-estar e a longevidade dos coelhos.

O MANEJO CORRETO SALVA VIDAS.

A doença dentária é muito comum em coelhos domésticos e pode evoluir para um problema grave, comprometendo a alimentação, a saúde e a qualidade de vida do animal.

Apesar disso, grande parte dos casos pode ser reduzida com medidas simples de manejo, principalmente por meio de uma alimentação adequada e rica em fibras, que estimula o desgaste natural dos dentes.

Além disso, conhecer o comportamento e as necessidades da espécie permite ao responsável reconhecer alterações sutis precocemente, evitando a progressão da doença e possíveis complicações. ■



Raquel Naomi Tanaka Scaduto,
médica-veterinária mestre em animais
selvagens pela Unesp de Botucatu.
E-mail: na.tanaka@hotmail.com;
Instagram: [dranaomi.medvet](https://www.instagram.com/dranaomi.medvet)



A governança do luto na Medicina Veterinária: um novo desafio para as instituições de saúde animal

Hoje, cães e gatos ocupam um lugar afetivo que ultrapassa a ideia tradicional de companhia. São considerados integrantes da família, compartilham a rotina das famílias e estabelecem vínculos emocionais profundos com seus responsáveis. Por isso, a perda de um animal representa uma experiência de luto que exige sensibilidade, preparo e acolhimento por parte das instituições de saúde veterinária.

UM DESAFIO QUE VAI ALÉM DA COMPETÊNCIA TÉCNICA. A Medicina Veterinária investiu intensamente no desenvolvimento técnico-científico. Equipamentos, métodos diagnósticos, terapias e especialização profissional elevaram significativamente a qualidade da assistência. Entretanto, nos momentos de maior vulnerabilidade emocional das famílias, especialmente diante da perda de um animal, a condução desse processo ainda costuma depender muito mais da sensibilidade individual da equipe do que de uma diretriz institucional.

É justamente nesse momento que a qualidade da assistência passa a ser percebida sob uma nova perspectiva. Para a família, o cuidado não se encerra com a realização da eutanásia, quando indicada, com a confirmação do óbito ou com o encerramento do prontuário. Ele permanece presente na forma como a notícia é comunicada, no acolhimento oferecido pela equipe, no respeito ao tempo da despedida e na sensibilidade presente em cada interação.

Essas experiências permanecem na memória dos responsáveis e influenciam diretamente a percepção de qualidade, confiança e credibilidade da instituição.

A GOVERNANÇA DO LUTO COMO DIRETRIZ INSTITUCIONAL. Essa realidade nos conduz a um conceito ainda pouco explorado na

Medicina Veterinária: a governança do luto.

Assim como existem diretrizes para promover a segurança assistencial e a qualidade dos serviços, também é possível estabelecer um modelo institucional capaz de orientar o acolhimento das famílias de forma ética, organizada e humanizada.

No Instituto DAS, essa proposta recebeu o nome de Programa Institucional de Acolhimento ao Luto (PIAL).

Mais do que um protocolo operacional, o PIAL constitui uma diretriz de governança destinada a integrar comunicação, acolhimento, organização da equipe e respeito à experiência das famílias em um dos momentos mais delicados da assistência veterinária.

MEMORIZE ISSO! Protocolos orientam condutas. A governança transforma essas condutas em uma cultura institucional de cuidado.

PARA REFLETIR. Quando o acolhimento passa a integrar a governança institucional, ele deixa de depender exclusivamente da sensibilidade individual e torna-se parte da identidade da própria instituição. Afinal, a forma como uma organização conduz a despedida também revela a qualidade da assistência que oferece. ■

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Continuaremos trazendo reflexões e orientações que impactam o exercício da Medicina Veterinária contemporânea. Envie dúvidas para: vetfazdireito@institutodas.com.br

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, doutoranda em Odontologia Legal, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada em Direito Odontológico nos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa VET FAZ DIREITO – que auxilia médicos-veterinários e estabelecimentos a fortalecer processos, prevenir conflitos e exercer a profissão com mais segurança, tranquilidade e proteção reputacional. Contato: vetfazdireito@institutodas.com.br e www.institutodas.com.br

vetlove

A plataforma para cuidar de quem cuida.

Cuidar de animais é um ato de amor

Mas amar, de verdade, também é cuidar de quem cuida. Descubra a nova plataforma de benefícios feita exclusivamente para você, médico-veterinário.

Tudo para o seu dia a dia



Para cuidar de você

Serviços e benefícios focados na sua saúde física e bem-estar.



Para sua carreira

Descontos em cursos, especializações e produtos exclusivos.



Para o seu negócio

Condições especiais em soluções que facilitam a gestão e rotina.

 **zenklub**
uma empresa Conexa

 **wellhub**

 **clube petlove**

 **plano de saúde petlove**



Contabilizei. MDS

 **NewValue**

 **manipulado petlove**

 **marcas exclusivas**



**Onde tem pet,
tem vet.
Onde tem vet,
tem love.**

Acesse:

www.vetlove.com.br

Acesso 100% gratuito.
Exclusivo para profissionais com CRMV ativo.



Ter pets é ter amor livre de julgamentos!

COAUTORA: ANA PURCHIO

Verdade que tem gente que prefere bicho do que gente? Sim, verdade verdadeira, mas essas pessoas são rotuladas pejorativamente de misantropos, porque escolhem passar a maior parte do tempo livre na companhia de cães, gatos ou cavalos em vez de buscar a socialização com seres humanos.

No entanto, a Psicologia explica que preferir animais a pessoas revela uma busca por um afeto seguro e previsível. E por que a convivência com os pets traz segurança emocional? Porque as relações interpessoais entre humanos exigem constantes negociações de limites, interpretação de regras sociais complexas e o risco contínuo de mentiras, críticas ou rejeições imprevistas.

Para pessoas com dificuldades de relacionamentos e sociabilização, essa tensão gera cansaço. Li recentemente a tese científica "Pets as safe havens and secure bases: The moderating role of pet attachment orientations", desenvolvida pelos psicólogos Sigal Zilcha-Mano, Mario Mikulincer e Phillip R. Shaver, e publicada no renomado Journal of Research in Personality (Elsevier) (2012), que comprova que animais de estimação atuam como refúgios seguros de apego, os chamados safe havens.

E como isso funciona? O cérebro responde à companhia do animal de

estimação reduzindo a ansiedade de forma imediata porque o animal entrega afeto livre de julgamentos morais.

Por exemplo, o cão não exige que o dono justifique seus erros profissionais ou frustrações financeiras ao fim do expediente e o gato oferece companhia silenciosa e previsível sem cobrar reciprocidade de conversas estruturadas, gerando repouso mental para o responsável.

E como isso acontece no organismo humano? A presença tátil do animal de estimação ao lado da pessoa estimula a liberação de ocitocina (o hormônio do bem-estar) e diminui os batimentos cardíacos de forma biológica acelerada. O contato com o pet atua como uma barreira que neutraliza dores do estresse urbano.

Então, se você ainda não adotou um pet, está esperando o quê? ■

O CÉREBRO RESPONDE À COMPANHIA DO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO REDUZINDO A ANSIEDADE DE FORMA IMEDIATA PORQUE O ANIMAL ENTREGA AFETO LIVRE DE JULGAMENTOS MORAIS

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.



FORTEKOR™

oferece o tratamento que o coração
e o mercado confiam.

Conte com a excelência de Fortekor™ no
tratamento de doenças cardíacas em cães.

FORTEKOR™ é uma marca Elanco, uma das líderes globais em saúde animal, que garante segurança e padrão de qualidade com testes certificados por agências reguladoras e transparência de ponta a ponta.



FORTEKOR™ DUO

Cloridrato de benazepril + Pimobendamil.

- Aumento da força de contração do músculo cardíaco.
- Dilatação dos vasos sanguíneos.
- Redução na quantidade de diferentes medicamentos e concentra maior concentração de eficácia em uma única fórmula.

FORTEKOR™ Flavour

Cloridrato de Benazepril.

- Redução da retenção de fluidos.
- Redução da vasoconstrição.
- Inibidor do SRAA.

Fortekor™ Flavour também é um grande aliado na terapia multimodal para a DRC em cães e gatos.

A FAMÍLIA FORTEKOR™ TEM:

- ♥ Garantia de fórmula consistente e padronizada
- ♥ Conformidade e acompanhamento global quanto à farmacovigilância
- ♥ Matéria-prima, insumos e fornecedores altamente qualificados
- ♥ Segurança de um processo controlado e robusto
- ♥ Certificação Fair Food como empresa amiga do bem-estar animal

FORTEKOR™. Um bom coração merece o melhor tratamento.

Acesse:
ElancoVets
.com.br



**Setembro Vermelho
Fortekor™ Elanco**
Campanha de conscientização
sobre doenças cardíacas em cães.

Elanco

■ NEGÓCIOS

MERCADO NACIONAL DE PET FOOD MANTÉM PROTAGONISMO

MESMODIANTE de um cenário global de incertezas, o mercado brasileiro de alimentos para cães e gatos mantém posição de destaque na América do Sul e demonstra a força da indústria nacional de pet food.

De acordo com um levantamento prévio de 2026 divulgado pelo Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), a indústria brasileira produziu 22,6 milhões de toneladas de rações no primeiro trimestre, crescimento de 5,4% em relação ao mesmo período de 2025.

Embora parte desse volume esteja concentrada nas cadeias de aves, suínos e outras proteínas animais, o segmento de alimentos industrializados para cães e gatos apresentou volume expressivo: pouco mais de um milhão de toneladas foram consumidas entre janeiro e março. No acumulado anual, a demanda deve alcançar aproximadamente 4,15 milhões de toneladas.

DESTAQUE NO MERCADO INTERNACIONAL. A força do pet food brasileiro é percebida não apenas no âmbito nacional, mas também no internacional.

Segundo dados divulgados pela

"Top Companies", indústrias brasileiras de alimentos para animais de estimação dominaram o ranking das 10 maiores empresas de pet food da América do Sul em 2025.

Entre as 10 maiores fabricantes da região, as cinco primeiras posições são ocupadas por indústrias nacionais que, juntas, correspondem a 82% da receita gerada em 2025, movimentando US\$ 2,978 bilhões. O ranking é completado por companhias da Argentina, Chile e Paraguai. Esse protagonismo está diretamente relacionado à dimensão do mercado pet brasileiro e à estrutura do agronegócio nacional.

A disponibilidade de matérias-primas, como milho, soja e ingredientes de origem animal, aliada à infraestrutura industrial e logística, favorece a competitividade das empresas brasileiras e aproxima os polos de produção dos principais centros consumidores.

Esses dados mostram que a evolução do setor ocorre em um ambiente de grande escala, mas também de desafios. Para o Sindirações, porém, a tributação elevada, o câmbio e a desaceleração do consumo continuam limitando o potencial de expansão. ■

Fonte: <https://www.petfoodindustry.com/regions/latin-america-caribbean/article/15831927/infographic-brazil-dominates-south-americas-top-10-pet-food-companies-by-2025-revenue>



PremieR®

Máximo cuidado, nos mínimos detalhes

Performance
e Vitalidade

Nutrição
de alta
precisão

Pelagem Macia

Ômega 3,
Ômega 6
e Zinco





Pioneira no Brasil na produção de etanol 100% a partir do milho, a **FS Fueling Sustainability** transforma tecnologia de biorrefinaria em ingredientes de alto valor nutricional para nutrição animal, incluindo PetFood.

Nutrição Animal sustentável e eficiente



**Custo-
benefício**



**Eficiência
nutricional**



Segurança



Sustentabilidade

FS Essencial HPDDG* Alta Proteína



**Acesse a
brochura
técnica**



Benefícios que geram valor para os animais e a indústria de petfood:

- Alto teor de proteína (>40%) com alta digestibilidade;
- Excelente fonte de energia;
- Rico em fibra insolúvel funcional com contribuição para qualidade fecal;
- Presença de prebióticos (parede de levedura), com potencial para modulação da microbiota intestinal;
- Fonte de ácido glutâmico das leveduras, contribuindo para sabor umami e alta palatabilidade;
- Produção sustentável em modelo de economia circular;
- Excelente custo-benefício;

Certificações



Explore mais informações sobre a **FS Fueling Sustainability** visitando nosso site ou conectando-se conosco em nossas redes sociais.

www.fs.agr.br

[@fsfuelingsustainability](https://www.instagram.com/fsfuelingsustainability)